O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 10 DE ABRIL DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:355

Factos & Criticas

Em tudo se manifesta a cumplicidade de monarchicos e republicanos na obra terrivel da prostituição do caracter portuguez. Ainda hoje, n'outra parte d'este jornal, nos referimos aos mais extraordinarios factos praticados por ignobeis republiqueiros na repartição do correio d'Aveiro.

Aquillo era d'elles. Positivamente d'elles. O publico era tratado como o mais brutal patrão não trata os seus creados. Era preciso entrar alli humilde, quasi reverente. Se os empregados conversavam, era forçoso esperar que acabassem a conversa. Se discutiam republica, pois faziam-se alli descaradamente comicios republicanos, mas desbragados comicios republicanos, insultando o rei, a rainha, os *jasuitas*, os governos, o governador civil, as auctoridades, tudo quanto incorria no desagrado dos bandidos, ou era combatido e atacado pelos seus orgãos na imprensa, o publico tinha que ouvir, attento, e attento aguardar que terminasse o comicio. Ai d'aquelle que clamasse: «Tenho pressa, avie-me.» Era recebido com uma saraivada d'insolencias, quasi expulso da repartição a pontapés. Até quando estavam a fumar! Chegou-se a isso! Se o empregado estava fumando, e lhe dava na gana terminar o cigarrinho, era indispensavel esperar que sua excellencia acabasse de fumar o cigarrinho. Ha casos, numerosissimos casos, do empregado responder a este ou aquelle dos habitantes da cidade, que entravam no correio por motivo de serviço, e que, em justa exigencia de serviço, pediam isto ou aquillo: «Agora não estamos para isso!»

Isto, só por si, seria espantoso. Mas isto era o menos!

Abriam-se descaradamente as correspondencias. O republiqueiro da repartição, o ignobil bandido, queria saber segredos politicos ou segredos d'amor? Não estava com cerimonias, hesitações ou escrupulos: mettia a carta no bolso, e ia le-la ou commenta-la entre os amigos!

E toda a gente sabia isto! E o facto de toda a gente saber isto e de toda a gente aturar isto, é mais uma prova irrefragavel da decadencia, do abatimento, da bandalhice, da prostituição do caracter portuguez.

Nós é que o não sabiamos. Sabiamos dos relaxamentos e irregularidades communs a todas as repartições. E contra ellas protestámos desde logo tão energicamente, e com tanta seriedade reclamámos deante do sr. director dos correios no districto d'Aveiro e do sr. Director Geral, que, pelo menos na parte visivel, comnosco terminaram. Mas, pelo isolamento voluntario a que nos entregámos, sem convivencias, que não procuramos nem acceitamos, foi para nós uma revelação surprehendente tudo quanto é de natureza criminosa n'esses casos estupendos.

O proprio governador civil, di-lo abertamente, ou em referencia por demasiado transparente a *Beira Mar*, cujo artigo n'outra parte transcrevemos, e para o qual chamamos a attenção de todo o paiz porque este caso é verdadeiramente typico, o proprio governador civil *tinha medo* de confiar cartas d'importancia ao correio. Mandava-as deitar na estação do caminho de ferro!

Nós estamos convencido de que o sr. governador civil não tinha conhecimento *exacto* de tanta patifaria. D'outra fórma, seria estupendo que não houvesse já tomado providencias. O sr. conde d'Agueda, embora condescendente, é um homem serio. E para tolerar tantas infamias, que já não são abusos, não bastaria ser condescendente; seria preciso ser pulha. O senhor conde d'Agueda não sabia de tanto. Comtudo, eram tão graves os boatos que chegavam aos seus ouvidos, e já havia n'elles tanto fundamento, que, *pelo sim pelo não*, achava melhor mandar deitar as cartas de *maior importancia* no comboio.

Isto é typico. Profundamente typico. Isto mostra bem o estado de degradação a que chegou o governo, e a que chegou tudo, n'este paiz. Eu já lhe não chamo *relaxamento*. E' degradação. E' prostituição. E' podridão. Isto está tudo podre. Está tudo prostituido.

O que acontece no correio d'Aveiro acontece, mais ou menos, nos correios de todo o paiz. Nós temo-nos aqui queixado algumas vezes da guerra infame movida ao *Povo de Aveiro* pelos quadrilheiros que abundam nas repartições do correio do paiz. Quadrilheiros descarados, pulhas, indecentissimos. Porque só um pulha indecentissimo abusa das suas funcções até ao ponto de roubar ou inutilisar a correspondencia dos seus adversarios politicos.

Tão extraordinarios teem sido alguns dos casos comnosco succedidos, que o sr. conselheiro Alfredo Pereira, a cujo zelo, boa vontade e energia nós prestamos a mais calorosa homenagem, pois nunca deixámos d'encontrar n'elle decidido apoio e desejo terminante de pôr cobro ás irregularidades e poucas vergonhas que temos levado ao seu conhecimento, que o sr. conselheiro Alfredo Pereira, dizemos, se viu já forçado a reconhecer que, realmente, se não podia explicar pelas imperfeições da technica do correio muitas das irregularidades com o *Povo de Aveiro* commettidas. Irregularidades que, ou, melhor, attentados, não eram só do correio d'Aveiro. Que eram dos correios de todo o paiz. E que, pelos casos de Aveiro, que veem agora a lume, se não dão só comnosco. Dão-se com todos aquelles que cahem no *desagrado* dos *gravatinhas*.

E' espantoso! E' unico!

Mas d'onde provem isto, senão da covardia, da porquissima transigencia, da ignobil cumplicidade dos governos?

O que hão de fazer empregados menores dos correios, dos telegraphos, da fazenda, do governo civil, de todas as repartições publicas, filiados na republica, porque em toda a parte está mettida essa praga maldita de *gravatinhas*, se elles vêem os governos beijar o pó deante de Borrachos, de Margaridos, de Affonsos Costas e biltres do mesmo jaez ou da mesma cathegoria?

Quem produziu todos estes tortulhos, todos estes venenosos reptis foi a pulhice do poder. O poder em Portugal é pulha. Refinadamente pulha. Ha muito tempo. Não lhe chamem relaxamento, transigencia, fraqueza ou covardia. Chamem-lhe pulhice. E' o unico nome apropriado a tantos actos de baixeza.

Desde que um Borracho, um general, ou, por outra, um malandro fardado de general, se atrevia, a toda a hora, a ir com as mãos á cara do poder, as audacias da canalha eram fataes. Em Portugal, como tantas vezes o temos dicto, raros são os monarchicos e raros são os republicanos. A maior parte dos que se dizem monarchicos e a maior parte dos que se dizem republicanos são comedores, exploradores, videirinhos, mas reles comedores, mas baixos exploradores, emfim, pulhas.

Nem os chamados republicanos tiveram nunca a dignidade das idéas, nem os chamados monarchicos tiveram nunca a dignidade do poder. Pulhas, todos. E nem sequer, uns e outros, a dignidade pessoal, aquillo que vulgarmente se chama decoro, que vulgarmente se chama brio. Pulhas, todos. E profundamente, e refinadamente pulhas.

Era por essa falta de dignidade das idéas, e por essa ausencia completa de brio, de decoro pessoal, que esse pulha do Borracho, dizendo-se monarchico, commungava todos os dias espiritualmente com o *Mundo*. Duas coisas que manifestamente e irreductivelmente se excluiam: ser monarchico e commungar espiritualmente nas idéas do *Mundo*. Ser monarchico e só estar bem na redacção do *Mundo*. Ser monarchico e preferir ás intimidades monarchicas a intimidade do Affonso Costa, Margarido, e eguaes sucios.

Duas coisas que manifestamente e irreductivelmente se excluiam: ser monarchico e consentir que um general ostensivelmente, declaradamente, descaradamente, fosse redactor do *Mundo*.

O Borracho era só pulha. O que aliás, desde que surgira do ventre de sua santa mãe, sempre havia sido. Pulha e grande pulha. E pulhas, e só pulhas, e grandes pulhas, eram todos os homens do poder que lhe consentiam a torpe dualidade e o descaro que acabamos de referir.

Foi essa escola de pulhice, que vem de longa data, que tudo anarchisou, que tudo dissolveu, que tudo prostituiu. Foi essa escola de pulhice que levou ainda n'outro dia o actual governo ao acto infame de calcar as leis aos pés, e leis tão melindrosas como as leis militares, para libertar Borracho das consequencias do castigo disciplinar que, por intervenção nossa, lhe foi applicado. Foi essa escola de pulhice, é essa escola de pulhice, que levou, leva e continuará levando os pulhas sem vergonha, que se dizem republicanos, a mendigar empregos, conezias, benesses, mercês e favores de toda a ordem dos monarchicos, e que levou, leva e continuará levando os pulhas sem vergonha que se dizem monarchicos a deferir complacentemente ás pretenções dos pulhas sem vergonha que se dizem republicanos. Foi essa escola de pulhice que levou, leva e continuará levando a actos decididamente criminosos como estes agora do correio d'Aveiro. E será essa escola de pulhice que fará chegar a opinião honesta, por um impulso de naturalissima reacção, a gritar, de forma que se ouça, como nós já gritamos alto e bom som:

Isto não vae senão a tiro!

E é certo. Isto já não vae senão a tiro!

Muito bem

Transcrevemos do *Diario de Noticias*, de quarta feira 8 do corrente, a carta que se segue:

Meu caro amigo C. F.:

Pergunta-me v. ex.ª por carta, o que é que eu penso ácerca de Alexandre Herculano.

Respondo de bom grado: Não serei eu portuguez? Não sinto em mim ainda e sempre bem vivaz o sentimento da justiça e da verdade? Pois como amante da verdade, da justiça e da minha patria penso que A. Herculano foi um portuguez que honrou como poucos a sociedade do seu tempo e a sua terra natal.

Foi um talento privilegiadissimo, uma intelligencia mascula, um pensador profundo, um escriptor de finos quilates, um mestre eximio da lingua, um poeta lapidar, o primeiro historiador portuguez na ordem do merito e do criterio na generalidade das suas opiniões; um soldado intrepido, cuja espada chammejou pela conquista da liberdade; um trabalhador operoso como um benedictino da edade media, modesto e desprendido de quaesquer honrarias como um Cincinato da antiga Roma; um caracter diamantino e verdadeiramente modelar, o caracter do lidimo portuguez de velha rocha; finalmente um crente, um christão austero e piedoso, como o demonstram tantissimas das suas paginas de ouro desde o "Panorama" até ao "Parocho da Aldeia". Se, ao declinar da vida, estrebuxou um pouco nas suas ideias religiosas perante a orthodoxia catholica (no que concordo), é certo, todavia, que expirou abraçado com a cruz, munido com os Sacramentos da Egreja. E longe de mim que eu, como homem, como portuguez, deixe por isso de reconhecer e de preconisar o cidadão por tantos titulos illustre, e até como padre de exaltar o caracter incorruptivel do ex-solitario de Valle de Lobos n'esta epoca de profunda depressão de caracteres, o homem honestissimo em meio d'esta triste derrocada e d'este desmanchar da feira, d'isso que outr'ora se chamava honestidade.

A tolerancia faz parte do Evangelho, e se não fosse licito abstrair, impossivel seria fazer a biographia d'um homem, mesmo de certos personagens biblicos.

Auctoriso v. ex.ª a fazer d'esta o uso que entender.

Seu mt.º do coração,

Lisboa, 5 d'abril de 1910.

Padre Senna Freitas.

Muito bem. Muitissimo bem. Assim é que é. Não se imagina como nós estimamos esta prova de tolerancia e de alto bom senso dada por um padre livre de toda a macula de heresia, e padre de um verdadeiro talento, como é o sr. padre Senna Freitas.

Muito bem. A maxima intransigencia com tratantes. Mas a maxima intransigencia com tratantes como meio d'attingirmos aquillo que deve ser o ideal de todo o bom portuguez: liberdade, a verdadeira liberdade, tolerancia, a verdadeira tolerancia, paz, ordem, trabalho, progresso, n'esta patria desgraçada. E caracter!

Essa carta, escripta por um homem como o padre Senna Freitas, liberta o clero portuguez d'uma nota lamentavel que tinha ficado pesando, e muito, sobre elle.

Ainda bem.

Temos em nosso poder varias publicações, a que nos havemos de referir no proximo numero.

Perguntam-nos quem é a *Emma*, **de quem nos contam proezas**, que foi pupilla n'uma casa do Porto, Travessa ou Viella dos Congregados, casa alli conhecida por... **o numero um.**

E' boa! D'essas coisas quem sabe é o Margarido. Não somos nós.

Havemos de lh'o perguntar. Mas, já agora, quando elle tornar a falar... no pae do orphão Albino abandonado.

Ainda hoje, por falta d'espaço, retiramos alguns artigos, entre elles varias correspondencias da provincia.

Bandidos

O orgão official da prostituição republicana, e orgão particular da prostituição dos lupanares, continua exasperado contra o juiz d'instrucção criminal. Donde se vê o mal terrivel que o dr. Antonio Emilio está fazendo a todos os bandidos.

Um nosso correspondente de Coimbra diz, n'outra parte, que nós vimos muito bem quando dissémos que basta a persistencia do juiz d'instrucção criminal em perseguir as sociedades secretas para anniquilar o partido republicano. Pois vimos, vimos. Que vimos bem, sabemo-lo nós. O que nos admira é que os homens da governança nem sempre vejam coisas tão faceis de vêr. O *Mundo* está exasperado contra o juiz d'instrucção criminal. Cada vez mais exasperado. Como elle, estão exasperados todos os republiqueiros. O que quer isso dizer senão que o juiz d'instrucção criminal lhes está fazendo um mal terrivel?

Basta ler o *Cornetim da Margarida* sobre o caso das associações secretas, todos os cornetins e cornetas da quadrilha, ouvi-los, aos quadrilheiros vis, nos comicios, nos clubs, por toda a parte, para concluir da importancia enorme d'esse caso. E' uma questão, quasi, de vida e de morte para a infame quadrilha.

A força do partido republicano vem da impunidade. Só da impunidade. Impunidade filha da cumplicidade e, sobretudo, da covardia, do medo dos adversarios.

O que domina no partido republicano é a canalha. Canalha de gravata e sem gravata. Canalha da mais baixa e da mais alta gerarchia. O espirito canalha não tem classes. Ora a canalha, aliás sempre atrevida, é tanto mais audaciosa quanto maior a impunidade ou o medo que sentir.

A canalha é sempre atrevida. Mas, tambem, é sempre covarde. E' outro erro confundir atrevimento ou audacia com coragem. Pode-se ser audacioso e corajoso. Mas essas duas qualidades só as reunem os temperamentos de nobre e grande envergadura. E pode-se ser audacioso e covarde. E' o geral. Porque é assim a canalha e a canalha é que domina.

O canalha é garoto. Sempre garoto. Lettrado ou analphabeto, sábio ou ignorante, fidalgo ou plebeu, pobre ou rico. Sempre garoto. E o garoto atira a pedra e esconde a mão. E o garoto avança n'uma vozearia enorme, n'um ameaçar medonho, n'um apedrejar terrivel, se vê fugir deante d'elle. Mas pede azas a Satanaz e foge as sete partidas se vê carregar sobre si com energia.

O Affonso Costa é um garoto. Toda a psychologia d'esse traste é a psychologia d'um garoto. Garotos são todos os pulhas e rufias do *Mundo*. Pimpões, como os garotos. Mas se vêem um perigo sério deante de si, borram-se, como o toureiro d'inverno no elevador do Pelourinho. O mal de João Franco, é preciso dize-lo incessantemente para que ninguem torne a commetter o erro d'elle, foi não lhes dar de rijo, com força, a matar, a cahir. E' preciso dar-lhes, e dar-lhes a cahir. E com pancadas successivas, rapidas, que não deixem transparecer hesitação, e sem demora d'umas ás outras. Só um tolo deixa tomar folego ao adversario quando o vê cançado ou a invadi-lo o desalento.

Ora foi o que não fez João Franco. Se João Franco carrega sobre elles com terrivel energia logo de principio, elles estavam perdidos.

Mas João Franco foi frouxo. Não aproveitou as primeiras horas de panico. Deixou-os crear animo. Tomar folego. Persuadirem-se de que o adversario tinha medo, como, na verdade, tinha medo. E nem ao menos por um golpe final soube redimir os erros praticados e recuperar o tempo perdido.

Não ha duvida, a menor sombra de duvida, de que a quadrilha, a infamissima quadrilha, atravessa uma crise. O seu desprestigio é enorme. O seu descredito é profundo. Em grande parte, já se lhe perdeu o medo. Muitos dos adversarios, mesmo, ainda ha dois annos tremendo de pavor deante d'elles, já lhes não teem o menor medo. Que fazer então? Dar-lhes a cahir. E' agora, mais do que nunca, a occasião de lhes dar a cahir. A cahir! E' o que manda o bom senso, a boa tactica, os interesses da democracia e os interesses do paiz. E até a sabedoria das nações. *Quem o seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre.*

Os interesses da democracia, porque essa corja é tudo quanto ha de mais opposto á democracia. São o formal desmentido da democracia. Com elles não triumpharia a democracia. Triumpharia mas seria a mentira, a especulação, a hypocrisia.

Os interesses da nação, porque está ahi tudo parado, tudo estagnado por causa d'elles.

Elles são a arruaça viva. A arruaça continua, permanente, arvorada em systema.

Elles são a desconfiança, a intranquillidade, o desassocego.

Com elles ninguem pode confiar no dia de amanhã.

Com elles não ha certeza. Persiste a eterna, a funesta, a terrivel duvida. E' um estado de guerra, com todas as deploraveis consequencias da guerra.

Isto pode lá ser?

Ha gente de juizo n'esta terra, ou não ha? Isto é uma patria, ou um enorme recinto de loucura?

Se ha gente de juizo, pergunta-se á gente de juizo: isto póde ser? Isto é vida? Viveu lá nunca assim o commercio, a agricultura, a arte, a sociedade, a familia, um povo?

Aqui só ha um recurso. E' esmagar esses bandidos. Elles não fazem a republica. Isso está provado! Andam a promette-la ha vinte annos. Ha vinte annos que elles andam a dizer: *é hoje, é amanhã, é alem.* Sabe-o todo o mundo. Ainda no tempo de João Franco, Souza Nogueira, perdão, Guerra Junqueiro, a dava *como certa*, em dois annos. Lembram-se? Dava-a como certa em dois annos. Um mez ou dois passados, Bombardino, n'uma reunião republicana, repetia a prophecia de Souza Nogueira. Em dois annos, era certa! E afinal... até hoje.

Pode-se lá aturar isto? Pois não chega a ser ridiculo um paiz estar coacto perante uns parlapatões, uns farçantes, uns trampolineiros como esses?

E' preciso acabar. E para acabar basta repressão tesa, energica, decidida.

E' preciso acabar!

Tem este ministerio gente para isso? Não tem. Já o demonstrou na questão Borracho. Demonstra-o todos os dias na camara o ministro do reino com as suas comichões de liberalismo. Um homem d'estado tem lá comichões d'essas n'esta altura! E' liberal? Pois faz muito bem. Deve-o ser. Mas cahe no ridiculo a *querer demonstrar* que o é. *Res non verba.* Que se importa lá um homem que é um homem, na crise gravissima que atravessa o paiz, que digam que é reaccionario ou que não é? Estar com palavriado n'esse sentido, a fazer bichinha-gata a esses farçantes, da mais reles cathegoria, é demonstrar incapacidade absoluta para a alta missão que reclamam, que urgentemente reclamam, as circumstancias do paiz.

Repressão. Repressão energica. E boa tactica n'essa repressão. E por isso temos applaudido, applaudimos e esperamos que applaudiremos o dr. Antonio Emilio. E' o unico homem que está ahi prestando serviços á causa da ordem, e, por conseguinte, á causa do paiz.

Boas tacadas, essas das associações secretas. Ande-lhe para a frente, dr. Antonio Emilio. Jogo forte por ahi, que é jogo d'exito e d'effeito. Força! O que o senhor não pode é metter tambem o ministerio no Limoeiro. Isso é que é pena!

Mas do mal o menos. Essa historia das associações secretas, e pelos motivos já aqui anteriormente referidos, anniquila-os.

Vae bem, dr. Antonio Emilio. Mas em limpando isso ahi em Lisboa, salte para o Porto, salte para Coimbra, salte para todos os pontos das provincias. Olhe que as associações secretas estão espalhadas por todo esse paiz.

Veja se pode apanhar na rede, de qualquer forma, a maçonaria. Não consegue, bem sabemos, levar o governo a prohibi-la. Mas ponha-a em cheque, desacredite-a, arruine-a, que n'ella se filiam todas essas associações d'assassinos e bandidos. Tire-lhe a força, o falso prestigio moral com que pretendem aureola-la.

Eu nunca fui maçon. Nunca o quiz ser. Sempre nos repugnou essa sociedade de arrangistas. Porque quando não é uma sociedade d'assassinos é uma sociedade d'arrangistas. A maçonaria, no fundo, não é mais que uma sociedade de videirinhos, d'arrangistas. E á porta fechada! E com ceremonial! E com symbolos! Que mais é preciso para demonstrar toda a inutilidade social, ou, por outra, todo o perigo social d'essa seita damninha?

Um carbonarismo branco em opposição ao carbonarismo negro. Uma inquisição em substituição d'outra inquisição. Abaixo isso! Tudo isso é contrario á humanidade, á liberdade, ao progresso, á emancipação do espirito homano!

Que tem feito isso entre nós? Vê-se! E' a causa primordial, porque de lá parte tudo, de todas estas porcarias.

Abaixo isso! E' uma fabrica de empregos. E um viveiro de *pepinos*. E' um ninho de parasitas. Até quando conspira, até quando deita abaixo regimens, é como fabrica d'empregos e ninho de parasitas. E como alfobre de parvos, ou por outra... viveiro de *pepinos*.

Fóra com essas fabricas de tolos. Na melhor hypothese, associações symbolicas e secretas, portanto privilegiadas, portanto perigosas, de soccorros mutuos e auxilios para a velhice.

Fóra!

De qualquer forma, todo o serviço que fizer o juiz d'instrucção criminal no sentido de restabelecer e firmar a lei commum, é um optimo serviço.

...Senhor

Não me poderá esclarecer por intermedio do seu mui lido jornal porque motivos se encontra Alfredo Lello, ex-secretario geral de Macau, passeando pelas ruas de Lisboa ha mais de dois annos com os vencimentos que lhe competem nas colonias em effectivo serviço, quando desde ha muito que deveria estar como secretario geral em Angola para onde foi nomeado?

Um seu assignante do Porto.

Elle é irmão dos Lellos, não é?

Então de quem é isto, senão dos republiqueiros?

O paiz ainda não percebeu que elles não querem a republica para comer. Elles querem-na para *roer*. Comer já elles comem **tanto ou mais** que os monarchicos. Mas gostam do tutano, os bandidos! Querem roer os ossos com o seu terrivel dente de cão, os bandidos! E roer os ossos para chuparem o tutano!

Como elles gostam da guloseima, os bandidos!

Pobre patria! Por emquanto ainda tens a pelle em cima do osso. Mas se os Affonsos, os Unhas e Gostas, os Paduas Correias, os Arthures Leitões, os Ribas Avellares, os Trintas, os Maduros, os Verdes, toda essa infamissima, vilissima, nojentissima, repugnantissima canalha agarra as chaves do thesouro, nem os ossos te ficam, desgraçada!

Souza Nogueira

Informam-nos de que os *amigos* de Souza Nogueira andam a *procurar elementos* para desmentir o caso do capacete, do tapete, etc, impingidos, n'uma roubalheira infame, ao rei D. Carlos.

Ainda agora?! Tem levado tempo.

Accrescentam que os mariolões escreveram para o Brazil... ao Liborio!

Ao rei D. Carlos para o outro mundo, bandidos! Ao Liborio já o Souza Nogueira tinha escripto. Tinha escripto, não. Foi-o do Porto a Lisboa procurar, com o coração em tic-tac, aos saltinhos!

Ao rei D. Carlos para o outro mundo, bandidos! Escrevam a esse, bandidos!

Recorrer á auctoridade moral do Liborio! Do Liborio!

Que grandes bandidos!

Calae a bocca, miseraveis! Emmudecei, bandidos! As victimas do Souza Nogueira são immensas. Não foi só o rei D. Carlos que esse cigano *intrujou*. Tem intrujado meio mundo n'este paiz.

Silencio! Ou acabamos de vos desfazer essa carcassa, já mal segura, a pontapés.

A questão do pão

. . . Sr. Homem Christo.

A historia do sapateiro de Braga «aqui ou comem todos, ou ha de haver moralidade!» tem applicação em muita coisa.

Diz, por exemplo, no *Povo de Aveiro* de 20 de março, o tal seu correspondente que acha muito hygienicas as padarias de Lisboa, que, se fosse livre a importação de trigos, já o pão teria baixado de preço, e que é necessario bater em cheio na lei protectora, etc.

Pois abula-se a lei, embora se acabe com a lavoura nacional, mas abulam-se tambem todas as leis que carregam de direitos extraordinarios certos artigos de primeira necessidade, que o publico tem que pagar por bom preço, por serem de origem nacional, ou que, sendo estrangeiros, encareceram doidamente em virtude dos impostos aduaneiros.

Ha mil e uma coisas que se poderiam comprar baratissimas, se não houvesse alfandegas, nem leis protectoras da chamada industria nacional. Pois quê? Poderá admittir-se que o lavrador deixe de poder concorrer com os trigos americanos, cessando, portanto, de semear, e fique obrigado a comprar as botas e os sapatos por um preço tres ou quatro vezes superior áquelle por que os adquiriria em Hespanha, se não fosse a lei protectora dos sapateiros nacionaes?

Ou os sapateiros valem mais que os lavradores? Só se forem os de Braga.

Porque se considera escandalosa a lei que protege a producção de trigos nacionaes e não a que protege a industria do calçado? E quem diz esta, diz outras. Abole-se uma? Abulam-se todas. Extingam-se as alfandegas e os impostos de consumo, e o publico que compre trigo, sapatos, ou o que quizer, ao paiz que mais barato lhe possa fornecer os artigos.

Este systema, de que muito aproveitaria o publico, se o paiz fosse uma fonte inexhaurivel de ouro amoedado, mas que era a morte da maior parte das industrias portuguezas e, portanto, do trabalho nacional, é uma justa aspiração dos tempos futuros, mas não passa, por ora, d'ahi.

A abolição das alfandegas! A abolição das fronteiras! Oh! justa e complexa ambição da humanidade culta! Uma lingua universal, uma moeda universal, o mundo todo um paiz, eis o ideal mais sagrado e justo que conheço.

Mas emquanto as fronteiras separarem as nações e os seus interesses, não poderá deixar de haver alfandegas e leis protectoras. Uns paizes comem mais barato, outros mais caro. Uns vestem-se por menos dinheiro, outros por mais, etc. E' fatal. Os habitantes dos diversos paizes soffrem ou gosam as consequencias economicas do meio em que nasceram. Assim, o pão, em Portugal, é caro, porque a sua cultura é cara. Na America é barato, pela razão inversa. Pretender baratea-lo, esborrachando a lavoura nacional com as invasões legaes do trigo estrangeiro, póde, á primeira vista, parecer medida economica de vantagem, mas seria, no fundo, um gravissimo erro.

Se nem V. nem o seu correspondente expadeiro descobrirem outro meio de baratear o pão senão trabalhando para abolir a lei protectora dos trigos nacionaes e invadindo o mercado com os trigos estrangeiros, pode crer que descobriram pouco. Desculpe-me esta rudeza de falar, que talvez não corresponda a algumas amaveis referencias que se digna fazer-me nas considerações que se seguem á minha carta de 28 de março. Mas pague-se na mesma moeda—dê-me para baixo quando lhe parecer que disse asneira. A minha vida mesmo, não é escrever, e V., n'esse terreno, está muito melhor do que eu. E', até, incidentalmente, que, preso em Lisboa por motivo de doença, tenho vagar para maçar os seus leitores com esta prosa chã.

Posto isto, vou explicar-lhe porque me tenho visto a perros, muitas vezes, para vender o trigo. Em primeiro logar parece-me que V. parte de um principio errado, qual o de suppor que lhe escreveu um grande lavrador. Não o sou, infelizmente, o que não quer dizer que pertença á classe boçal dos cultivadores, porque a cultura de espirito não é proporcional ás fortunas. Tenho lido alguma coisa e vou estando velho. Estas duas razões abriram-me, um tanto, os olhos. Mais nada.

V. comprehende que eu, não só tenho um dispendio pessoal de trigo, como pago a muitos homens parte das suas soldadas *em farinha*. Recolhido o trigo aos celleiros, tem que se vêr quanto se pode vender, para que não succeda haver de comprar-se mais tarde pelo preço... que calhar. Tem que se attender tambem á semente para o anno futuro. O excedente vende-se.... ou pensa-se em se vender. Manifesta-lo, nem sempre vale a pena. Só se manifestam quantidades regularmente grandes de trigo. Junta-lo ao de outros lavradores—será caturrice — nunca fiz nem farei. Tenho a mania de trabalhar o mais isoladamente que posso.

Não imagine que deixo de manifestar por especulação A minha *especulação* tem-se sempre resumido em arrostar valorosamente com os maus annos agricolas, com uma persistencia de que até eu me admiro. Os prejuizos que eu tive nos annos de 1903 a 1906 e no inverno de que vamos agora saindo, fôram de tal ordem, que nem que o Mercado Central me collocasse o trigo pelo dobro do preço da tabella, eu recuperaria o perdido!

Em 1906-1907 manifestei. Depois d'isso não tornou a valer-me a pena. Attenda, tambem, a que a minha região agricola está longissima do caminho de ferro.

E' preciso desfazer-se tambem a lenda de que os preços do Mercado são remuneradores. Não são. Em Portugal a cultura dos cereaes sae carissima.

Que extraordinaria lei é essa, então, que protege o lavrador? Não será harmonico com toda a legislação protectora das industrias do paiz, que se obrigue o moageiro a comprar o trigo nacional *emquanto o houver?* Se não se marcasse preço, ainda o moageiro teria razão, porque o lavrador, sentindo começar a escassez, levantaria o preço do trigo. Se a decantada lei não existisse não havia nenhum moageiro que comprasse um bago de trigo nacional. Logo a lei não é só de protecção á lavoura; serve para evitar maiores especulações nos moageiros.

Diz V. que o moageiro anda pelo paiz fóra a vêr se encontra algum grão para moer, pagando o trigo que encontra, pelo preço que o lavrador quizer. E' bôa! Para que anda? O moageiro só é obrigado a comprar o trigo manifestado; não é obrigado a comprar o que cada um escondeu. O governo não decreta a importação emquanto o lavrador gritar que ha trigo? Pois decrete-a. Ahi, tem V. muita razão. A falta de trigo manifestado devia ser *ipso facto*, a origem do decreto de importação.

As associações agricolas fazem muita falta no nosso paiz. Di-lo V. e diz muito bem. Mas creia que não se hão de fundar *a valer* emquanto, aos interesses da classe prevalecerem as politiquices

Os lavradores só deviam pensar em se auxiliar uns aos outros, pondo de parte a politica—essa vergonhosa politica do nosso paiz.

Quanto ás cooperativas, teem para o publico o grave inconveniente da falta de fiscalisação. Ellas são um sophisma da lei que estabeleceu o limite das padarias, lei que, logicamente, devia esperar-se que fosse sophismada por qualquer fórma.

Creio que, com raras excepções, essas cooperativas de pão são todas falsas. O governo sabe-o, mas não quer ou não póde impedi-lo. Em certos casos, evidentemente, não póde; basta a *cooperativa* ter a escripturação bem montada. Gosa, ainda, da vantagem de não estar sujeita á visita dos fiscaes do governo que, não ha muito tempo, deram raia, indo visitar uma *cooperativa* e deixando lá consignada a visita com as suas assignaturas no livro que o dono da... *cooperativa* lhe apresentou. Este, que não é tanso, requereu em seguida uma certidão dos resultados da visita feita pelos fiscaes... Mas nas regiões officiaes, percebendo-se a tolice feita, e o perigo de a attestar, não se deu andamento ao requerimento e o homem não conseguiu, nem conseguirá, obter a sua certidão. O que elle, com certeza, consegue é continuar a fazer o seu negociosinho a coberto de fiscalisações, o que não deixa de ter suas conveniencias — para elle, já se vê.

As leis em Portugal são sempre assim—cheias de buracos por onde cada qual se escapa, conforme a intelligencia que tem ou os conselhos d'aquelles a quem se encosta. Não sei se as leis saem assim de proposito ou por ignorancia, mas calculo que deve ser por uma cousa e outra.

E fiquemos por aqui. O seu jornal não é elastico e a sua paciencia e a dos leitores, ainda menos.

Grato pelo acolhimento que V. lhe prestou, ficará sempre

Um lavradoreco

4-10-1910

Ai, meu caro lavradoreco, que descambou! Como diabo descamba assim um homem em oito dias?

O meu prezado *lavradoreco* precisava hoje de uma grande reprimenda. E sabe porquê? Porque embrulhou. Porque sophismou. E eu de sophismas não gosto. Nem de trapalhadas.

Então diga-me cá: não pode ser excessiva a protecção concedida á industria cerealifera sem o ser a protecção concedida á industria do calçado? Ora valha-o Santo Antonio!

Não pode ser aquella escandalosa? E não o ser esta? Isso é argumento que se tome a sério?

Diga-me cá: quem lhe falou em abolir as alfandegas? Quem lhe falou, sequer, em diminuir a protecção concedida á agricultura no regimen dos cereaes?

Não ha duvida que essa protecção é a mais excessiva de todas as que se concedem á industria nacional. Todas as industrias, ou quasi todas as industrias portuguezas gosam d'uma grande protecção. A que se concede aos cereaes chega a ser excessiva. E' mesmo, de facto, escandalosa. Mas, fazendo-se essa affirmação, que é verdadeira, comtudo ninguem pediu ainda—nós pelo menos—que ella fosse abolida.

Então, meu caro *lavradoreco*, para que foi toda a sua parlenga n'esse ponto? Para inglez ver, não. Porque os inglezes, lá para essas coisas, teem olho. Oh, se teem!

Que não tem manifestado o trigo porque não lhe vale a pena. Mas porque não lhe vale a pena? Porque tem pouco trigo? Porque a sua região fica muito longe do comboio? Ai, Sant'Antonio! Mas o senhor não precisa de mandar o trigo ao *Mercado Central* para o manifestar. O senhor manda só as amostras e declara as quantidades de trigo que possue. Mas não é difficil arranjar — estão para ahi os lavradores a arranjar isso a cada passo — que o trigo seia distribuido á fabrica de moagem que fique mais perto da residencia do lavrador e que vá d'aqui directamente para lá.

Que é preciso desfazer a lenda de que os preços do mercado são remuneradores. Santa Barbara! Santa Barbara! Agora já não é caso para chamar por Sant'Antonio. E' caso para chamar por Santa Barbara. Temos ameaça de raio em caso. Se resuscita o Elvino de Brito... nem botas nem pão. Deus agarre o Elvino muito bem agarrado, e o segure no paraiso, ainda que seja amarrado com uma corda!

Que se o moageiro anda pelo paiz fóra a ver se encontra algum grão de trigo, que não ande. E' só obrigado a comprar o trigo que se manifesta? Então que compre o trigo que se manifesta e que deixe o trigo que se escondeu.

Agora ahi... cebolorio. E acabámos.

E' claro que se o moageiro anda pelo paiz á procura de trigo é porque o governo, exgotado o trigo manifestado, não decreta a importação de trigo extrangeiro. E é claro que se os governos, governos de borra,—nunca tem outros esta terra— não decretam a importação do trigo extrangeiro é porque reaes associações d'agricultura e conselhos d'agricultura e tudo o que acaba em ura os ameaçam, os intimidam, lhes prendem as mãos, n'esta vergonhosa, criminosa cumplicidade d'arranjos em que vive o paiz todo, clamando gritando, berrando que *ha trigo ainda e muito trigo nos celleiros do lavrador.*

E ha. Pois se o senhor é o primeiro a dizer que não o manifesta!

O senhor é o primeiro a dizer que não o manifesta. Mas, ao mesmo tempo, dá-me razão em eu censurar os governos por não decretarem a importação logo que se exgota o trigo manifestado... nas epochas competentes. Ora com que sinceridade diz o senhor isto? Estava muito bem, se o senhor tivesse por habito manifestar o trigo nos periodos determinados. Mas não tendo?...

O senhor não o manifesta. E o moageiro, desde que o governo decrete a importação, já lh'o não compra. Que lhe faz o senhor? Come-o?

Ai meu rico *lavradoreco*, que é sinceridade de menos ou indigestão de mais!

E prompto. Eu tinha tenção de escrever hoje um artigo sobre o assumpto, porque não esperava tão cedo a sua visita. Mas como o meu amigo veio e eu tive de lhe fazer as honras da casa, ficará para outro dia o artigo que estava destinado para hoje.

Fui pouco amavel. Bem sei. Mas tenha paciencia. Eu sou bruto, por um lado. Por outro lado, apanhei tal enjoo d'amabilidades, que não ha esforço que me faça... expandir amabilidades.

No *Povo de Aveiro* de 27 de março ultimo, dizia V., sr. director, o seguinte:

Basta que o juiz de instrucção criminal continue a processar gente envolvida nas associações secretas para pôr o partido republicano em gravissimos embaraços.

A maior parte da gente não tem visto as extraordinarias consequencias d'esse facto.

. . . . . .

Isso anniquila o partido republicano, isso mata-o.

Agora o que diz o *Mundo* de hoje, 3 de abril, em *artigo de fundo*:

D'aqui se conclue que é preciso fazer-se mais. Averiguado que não basta o que se fez, é necessario fazer-se mais alguma coisa. Por todas as razões, não pode o povo democratico ser abandonado *á perseguição que lhe é movida e que, attingindo hoje dezenas de cidadãos, se propõe envolver centenas de milhares d'elles. O Partido Republicano falsearia a sua missão se não procurasse, por todas as formas, obstar ao proseguimento d'essa infamia. A campanha que elle resolveu tem, cada dia, mais opportunidade e mais urgencia, manifestada n'uma acção continua e energica. Descançar ou adiar seria, em semelhante conjunctura,* morrer.

Que me diz ao confronto?

Pela minha parte, digo que V., sr. director, viu bem... muito bem.

O *Mundo* solemnemente o diz: «descançar ou adiar seria, em semelhante conjunctura, *morrer.*»

Que pena que V. não seja togado para estar á frente do Juizo de Instrucção a cumprir rigorosamente a lei, sem contemplações de nenhuma ordem com esses ascorosos quadrilheiros!

Estou a ver que, mal presentissem a sua nomeação, deixavam que fazer á lavadeira, e... mais ageis que lebres, punham-se todos no seguro, alem fronteiras.

Oh! se punham!

Dizia-me ha dias um republicano pacatão, mas apaixonado:

—Aquelle Christo foi o diabo que nos appareceu!

Eu digo o mesmo: fallar-lhes em V. é provocar uma tempestade de mil demonios!

Seu admirador
S. S.

GRAVISSIMO

Fructos da republica em Portugal

Da *Beira Mar*, de segunda feira ultima, transcrevemos os trechos que seguem:

Trata-se da repartição do correio que, segundo as informações que temos, está sendo dirigida por um individuo da melhor reputação e que, só por ignorancia dos factos, pois, terá deixado de cumprir o que exige este estado de cousas que se vae atravessando.

Contra a repartição do correio de Aveiro dirigem-se as peiores suspeições.

Roubos de correspondencia: divulgação de segredos: desapparecimento de valores, tudo se attribue á repartição telegrapho postal, e contam-se casos tão extraordinarios que, de facto, a gravidade é enorme e não é difficil encontrar quem accredite aquelles e quem julgue os empregados responsaveis por crimes dos maiores e dos mais censuraveis.

Sendo certo que as accusações se dirigem contra certos e determinados funccionarios, é egualmente certo que nos não é licito, sem uma prova clara e convincente, apontar-lhes os nomes, e assim nós, referindo o que por ahi se diz, não queremos e, realmente, não nos compete destrinçar responsabilidades.

Dizem-nos que na repartição telegrapho-postal ha muitos empregados republicanos. Não é a causa porque lançamos mão do assumpto.

Nós não atacamos as opiniões dos outros, quando elles respeitam as nossas, e se bem que alguns dos srs. empregados do correio em Aveiro, sem consideração pelo que devem ao Estado e ás Instituições, não saibam reservar as suas ideias para fóra dos serviços officiaes, e antes, pelo que nos informam, approveitam esses serviços para fazerem a propaganda dos seus principios politicos, não é esta circumstancia que nos demove a vir a publico reclamar energicas providencias contra o que para ahi se diz, e para que, de prompto, se restitua á repartição que visamos a confiança que lhe é necessaria e absolutamente precisa.

Effectivamente consta-nos que, em publico e razo, sem consideração alguma pelas opiniões d'aquelles que, em virtude das suas necessidades teem de ir ao correio, alguns empregados fazem verdadeiras conferencias republicanas, atacando o rei, as instituições e todos aquelles que as acompanham e defendem: é do dominio publico que, ainda ha pouco, a proposito de uma nova medida posta em pratica pelo sr. Conselheiro Alfredo Pereira, e tendente a facilitar a transferencia de pequenas quantias, quando alguem se dirigia á repartição solicitando o papel creado para essa transferencia, lá se desacreditava a medida creada, e se procurava desviar o publico do seu aproveitamento.

Mas, como dissemos, não constituem estes factos a determinante do nosso procedimento porque assumpto mais grave nos demove no presente momento.

Já estamos a ouvir o nosso collega Progresso de Aveiro, *defendendo a repartição, os empregados e os serviços telegrapho-postal.*

Já estamos vendo o nosso distincto collega, com aquelle dogmatismo que Deus Nosso Senhor lhe deu, procurando filiar o nosso artigo ou em má vontade contra algum ou alguns dos funccionarios visados, ou no desejo de sermos escolhidos para director do correio.

Mas, sangremo-nos em saude! nada d'isso assim é. Nenhuma má vontade temos contra os srs. empregados telegrapho-postaes, não queremos nenhum logar na respectiva repartição, e pois que assim é, entremos no assumpto, referindo alguns dos casos que para ahi se relatam.

* * *

Conta-se e diz-se sem o menor rebuço que algumas cartas se abrem, para se conhecerem segredos que se entregam depois a interessados.

Concretisêmos: um individuo precisa saber o objecto ou o assumpto de certa correspondencia trocada entre dois cidadãos, ou ambos residentes em Aveiro, ou um em Aveiro e outro em outra terra. Levantam-se as cartas, abrem-se com cautella, tira-se-lhes copias, fecham-se novamente e fazem-se seguir o seu destino.

Ha uma correspondencia muito insistente entre um homem e uma mulher. Rouba-se uma carta, verifica-se que relações de amor são a causa de tão insistente troca de cartas, e dias depois, ou no proprio dia em que aquella desappareceu, o segredo rompe-se e toda a gente sabe que entre F. e F. existem relações de amor.

Devemos esclarecer que, comnosco não se deu ainda, que o saibamos, caso algum d'esta natureza.

Não somos tambem, portanto, n'este caso, dos queixosos, e não divulgamos o boato com a intenção de uma vingança.

Mas não fica por aqui o que se diz.

A divulgação de telegrammas é caso a que se allude já como se fosse regular e normal.

Diz-se que as estampilhas de preço maior, aproveitadas em encommendas postaes, jornaes e livros de certo peso, não chegam com aquellas e com estes aos destinatarios, pois que na repartição são arrancadas para depois se utilisarem, quando para encommendas d'aquella natureza, são solicitadas.

O dinheiro não entra para o Estado e as estampilhas já servidas, com o novo carimbo, passam por novas e... correm mundo.

Ora tudo isto que deixamos apontado, corre na bocca de todos. Será verdade? Será infamia?

E' o que compete averiguar, mormente por honra e para proveito dos empregados visados, entre os quaes alguns ha, por certo, innocentes e não responsaveis por semelhantes poucas vergonhas.

Affirmam-nos que o caso é tão do dominio publico, e tão accreditado, que até uma alta auctoridade d'esta terra diz, sem pedir reserva, que cartas de importancia não as confia ao correio de Aveiro, mandando-as deitar na ambulancia do caminho de ferro.

Será assim?

Chamamos para o caso a attenção do sr. Director Cidraes por ser absolutamente necessario aclaral-o, no interesse do publico e dos proprios arguidos.

E aguardamos serenamente os acontecimentos.

Ao assumpto nos referimos em artigo de fundo.

O que ahi fica é gravissimo. E, infelizmente, é verdade.

Como n'aquelle artigo dizemos, nós nada sabiamos. A extraordinaria gravidade do caso, porem, despertou-nos a curiosidade. E sobre elle falámos com pessoas varias. D'essas conversas resultou-nos a profunda convicção de que tudo é verdade!

Pode não haver provas materiaes, ou legaes. Não as haverá, por certo. Toda a gente sabe como essas provas são difficeis de obter. Mas a prova moral está feita, na consciencia de todo o mundo em Aveiro.

E basta, para que esses empregados não devam permanecer nem mais uma hora n'esta cidade. Sentimos muito, muitissimo, que elles não vão para a cadeia. Estes males já se não curam senão com actos de justiça rigorosa. Justiça alta, forte, para honra de si propria... justiça implacavel. A podridão lavrou tão fundo que só poderossisimos cauterios a podem sanar.

E' preciso, dê por onde der, pôr termo energico a esta desordem em que vivemos. A esta anarchia desaforada. Portanto, para aquillo só ha um castigo: Penitenciaria. Seria melhor grilheta. Mas como não ha, seja Penitenciaria. Entretanto, porem, e mesmo porque não sabemos se a prova material ou *legal* se fará, fóra d'aqui. E com uma vassoira. E desde já.

Vae n'isso a honra do sr. governador civil. E o sr. governador civil é um homem honrado. Influa o sr. conde d'Agueda junto do sr. director geral dos correios e do sr. ministro das obras publidas. Na certeza de que d'essa repartição do correio só podem aqui ficar, alem do sr. Cidraes, que é um bom funccionario, e que nada sabia d'estes factos, dois ou tres empregados. O mais, tudo fóra. E corridos a toque de caixa.

Uma garotada, que para ahi estava.

Uma coisa é ser republicano, outra coisa é ser garoto. O empregado do correio pode ser republicano. Mas com a condição de ser um homem serio, de usar da reserva imposta a todo aquelle que serve com a monarchia e de ser um excellente funccionario. Só se lhe pode perdoar que seja republicano e empregado d'um estado monarchico se for um magnifico empregado.

Mas é pessimo empregado e pessimo cidadão? Mas não tem consciencia dos melindres da sua situação? Mas nem ao menos tem decoro pessoal?

Fóra! A' vassoirada! E rapido!

Uma garotada, que para ahi estava. Só garotos descem a esses expedientes de estar a abrir correspondencias para saber segredos d'amor e outros que taes.

Fóra, já!

Garotos, mas garotos pervertidos. Mas garotos maus. Emfim, *Pechugas* e *Petizes das Gravatas*. Fructos da republica. Já não ha outros em Portugal.

Fóra, já! Com uma vassoira! A toque de caixa!

A GRANDE QUADRILHA

. . . Sr. Redactor.

Beja — Abril, 1910.

Apezar do nojo que sinto ao ter de mecher em porcarias não tenho outro remedio senão cumprir o promettido, e, por isso, vou hoje autopsiar o pulhastro que governa esta aringa, o rabadão que pastoreia este rebanho de carneiros de Panurjio, o Rei da Madureza, como aqui lhe chamam.

Levar-nos-hia muito longe uma biographia completa de tão *prestante cavalheiro*, mas, alem de não caber nos limites d'um jornal, tinha o inconveniente de repetir muita cousa que V. já tem dito ao tratar dos outros quadrilheiros.

E' um caso digno de nota que se dá com os nossos demagogos. Embora cada um conserve a sua feição typica todos se parecem nos processos que seguem, nas infamias que commettem, nas canalhices que praticam. Dir-se-ha que são talhados pelo mesmo padrão e paridos pela mesma mãe.

Ora vejamos:

Este patife, estando ainda em Lisboa, deshonrou uma pobre rapariga de quem teve um filho. Depois de estar elle em Beja, e já em vespera de casar, veio ella com o filho implorar-lhe que não a abandonasse. Encontrou-o á porta do Club. Como elle não a attendeu a desgraçada voltou para Lisboa onde, ella e o filho, morreram á fome e ao abandono... Outra. Tinha em casa uma rapariga que frequentava a escola distrital. Um dia chamou-a ao escriptorio, com um pretexto qualquer, e tentou violental-a. A rapariga a muito custo, e gritando, poude escapar-se-lhe não voltando mais a casa de tão *digno protector* e vivendo actualmente de esmolas e na miseria. Outra e basta. Ha tempo que se fez explorador de... minas. Descobriu agora uma para os lados da Boa-Vista que explora a toda a força.

Diga-me sr. redactor se tudo o que eu acabo de referir d'este *meneur*, doublé de Monsieur Alphonse, não se pode applicar ao Affonso Costa, Cunha e Costa, Almeida photographo, *et reliqua*.

E, agora por Almeida photographo: Então não sabe que esse cidadão pediu no seu jornal, aos raros leitores do mesmo, que não acreditassem o que diz o *Povo de Aveiro* sem que publicasse documentos comprovativos do que affirma?!! O grande mariola! Então elle publica algum documento quando se mette a insultar as pessoas de bem? Nojenta creatura.

Voltando ao rabadão parece-me que já ahi fica o bastante para o metter na cathegoria dos mais graduados bandidos da quadrilha.

E não fallo d'um irmão que tem e que vive de expedientes roubando todo o incauto que lhe cahe nas garras porque esse diz-se monarchico, e eu não quero metter a foice em ceara alheia. Quando os monarchicos se resolvam a fazer ás suas quadrilhas o mesmo que nós estamos fazendo ás nossas, que o ponham no pelourinho e o esfollem. Não estou para poupar-lhes trabalho.

E basta por hoje.

Um republicano bejense mas sincero.

Fala o consumidor

. . . Sr. Director do *Povo de Aveiro*

Por certo tem V. estranhado o meu silencio e por isso lhe escrevo hoje para o explicar. Preciso primeiro que tudo dizer-lhe que elle não significa diminuição alguma na muita consideração que V. me merece, antes é em parte originado por essa alta consideração.

Duas são as causas que me teem obrigado a não dar seguimento aos meus artigos mal alinhavados sobre a questão do pão. A primeira foram trabalhos urgentes que me teem afastado de Lisboa e me teem preoccupado o espirito, e a segunda o reconhecimento da minha inferioridade para discutir com V. Fui eu que rompi o fogo na questão do pão, mas V. com as suas observações deixou-me o arsenal arrasado na primeira escaramuça.

E não é que V. tenha rasão por completo, não, mas é que V. é terrivel ainda mesmo com fracas e poucas munições. Eu conheço-me e por isso sigo o dictado: *Onde ha gallos de fama que vão pintos lá fazer?*

E, senhor Homem Christo, os dictados são a revelação do genio da populaça, são verdadeiras syntheses da mais pura philosophia util e que encerram preciosos conselhos para a pratica da vida. E' por isso que elles resistem ao decorrer lento dos seculos como as obras verdadeiramente geniaes, e é por isso que eu me curvo ante as suas indicações.

Realmente para que hei de eu estar a ensaiar a minha fraca cantiga se V. logo a seguir me faz em poeira o *arranginho?*

E' trabalho para V. e é triste figura para mim.

Alem d'isso eu não sou nem fui padeiro, não sou socio de cooperativa padeiral, não sou nem fui lavrador e quem me dera ser moageiro.

Sou um dos muitos carólas de todas as causas justas, um dos muitos patetas que querem endireitar a carga n'este retorcido paiz onde a maioria se farta de puchar para o lado picaro do arrôcho.

Tendo andado muito por esse paiz fóra, sendo alemtejano, filho de cavadores humildes e honrados, tendo visto as luctas, as miserias, os sobresaltos dos cultivadores de trigo, e tendo estudado aqui em Lisboa toda esta grandiosa patifaria que se alberga na capital, entendi levantar um brado de justiça e de indignação contra essa propaganda falsissima de se apresentar o lavrador que desbrava a terra, que affronta o sol e as chuvas para colher uma magra ceara de trigo, como o factor principal da carestia de pão! Não quiz ao tocar n'esse assumpto deixar de principiar por essa reparação justissima. Sr. Homem Christo, ainda mesmo que assim fosse, ainda mesmo que o lavrador tivesse esse rio de ouro a correr-lhe para casa, seria fazer-lhe justiça mais recta do que a que se faz com a protecção descarada a industrias que teem enriquecido varios magnates e que não existem. E d'essas industrias para inglez ver, vivem centos de operarios ao passo que dos lavradores vivem milhões de operarios da terra.

Mas não é. Se podesse fazer-se um inquerito ver-se-hia quantos cultivadores de trigo se debatem nas garras da usura e quantos teem as suas propriedades hypothecadas, ao passo que tal se não dá com moageiros nem com padeiros, alguns dos quaes tendo vindo, ainda ha poucos annos, da terra, de tamancos, e tendo ainda não ha muito, largado o cabaz, usam hoje bella bota de polimento e o seu nome figura no *Hig-life* dos jornaes da burguezia e da aristocracia.

Ora o lavrador em dois annos seguidos de más colheitas arrisca-se a ficar arruinado. Ainda não ha muito que isso succedeu no Alemtejo, sendo tudo o que pertencia a um lavrador importante vendido em leilão. Ao que me consta, a nenhum padeiro ou moageiro de Lisboa succedeu desastre parecido.

Mas agora reparo que estou reincidindo na tolice, e arriscado a apanhar nova reprimenda brilhante de V. que me armará em cavalleiro da triste figura. Que não ha duvida que o sou, por sahir armado do elmo de Mambrino a ver se atiro abaixo uma pedra d'esse burlento edificio que é o regimen da panificação na capital com padeiros nas paredes e moageiros nos alicerces. Mas isto de quixotismo, senhor Homem Christo, sabe-o V. muito bem, é doença que só a terra cura.

Eu armei em Quichote, no caso presente, por ver que n'esta desgraçada terra uma questão de importancia primordial para o povo, arrebanhava para o lado de exploradores sem alma, sem coração, a maioria da imprensa, e muito especialmente da imprensa que se diz defensora dos interesses do povo, da imprensa que se intitula republicana, procurando fazer vingar essa colossal burla que é o syndicato da panificação em Lisboa.

Tudo tem posto em jogo esse odioso monopolio para evitar a fatalidade do seu fim. *Talis vita finis ita* diz o latim fatidico e assim será. A burla ha de terminar apesar de ter a imprensa alugada como uma besta de carga, essa imprensa que a si mesma se intitula de instrumento de progresso, mas que se presta assim a fazer retardar o progresso e a manter manietada a liberdade de industria! Ha de acabar no meio da execreção geral, esse odioso e cynico monopolio, que começando por burlar os padeiros ingénuos pretende que os governos lhe sanccionem a sua vida de sophismas e de embustes. Nada mais extraordinario do que a gestação d'esse colossal *bluf*.

As padarias dos pequenos valiam uma bagatella e foram pagas a papel, as dos grandes, as dos espertalhões, as dos organisadores, foram cotadas em dezenas e dezenas de contos. Assim se arranjaram **quatro mil contos de capital** valorisado em algumas duzias de masseiras, alguns fornos e meia duzia de machinismos, estes preparados para ser o cavallo de batalha da mystificação. Por cima de tudo isto ainda algumas centenas de contos de obrigações porque este paiz é fertil em *gogos* e é muito bem feito que sejam depenados pelos aventureiros de tamancos quer elles tenham vindo da Beira ou de Redondella.

O unico salvaterio d'esta colossal burla é o governo entregar-lhe, com aplauso dos bandalhos que pontificam de defensores do povo, nas sujas gazetas jacobinas, o monopolio legal porque o de facto já elles possuem, mas um tanto periclitante com as cooperativas panificadoras.

E' o seu sonho, é a sua obsessão.

E' para isso que trabalham, que intrigam, que espalham o dinheiro dos *gogos* a rôdos. E é por ver toda essa manobra torpe, todo esse esforço cynico contra a liberdade de industria e de commercio, unica que pode e por certo beneficiará o consumidor; é por ver sem defeza o povo de uma capital, que eu armei em cavalleiro da triste figura e lhe vim bater á porta para luctar contra essa quadrilha de especuladores e falsificadores.

E V. franqueou-me as columnas do *Povo de Aveiro*, como sempre o faz para as causas justas, mas eu não fui feliz na entrada. Paciencia. O que eu desejava consegui-o afinal: era que este jornal agitasse a questão e que V. se interessasse por ella.

Que aqui viessem depor todos, até os monopolistas com os seus sediços argumentos accusando os outros de burla, elles que são uma burla colossal.

E por hoje mais nada.

Um trabalhador.

Seja muito bem vindo. Já uma vez aqui lhe dissémos que é, pela sua intelligencia e cuidado em não fugir da verdade, um dos nossos collaboradores mais apreciados. De resto, e áparte o conceito exaggerado que faz dos nossos meritos, ha nas suas affirmações coisas exactas e outras que não teem fundamento muito sólido. Então não conhece padeiros e moageiros pobres e fallidos, por exemplo, por esse paiz fóra? Diga lá!

Mas sobre uns e outros pontos havemos de falar.

Escreva sempre. E não largue este assumpto, que é dos mais importantes.

Continuamos a pedir aos nossos assignantes o favor de fazerem sempre acompanhar as suas reclamações ou avisos do numero da assignatura.

De Nenhures

7 de abril

Do sr. Luiz de Mesquita, advogado no Porto, e que conheço e aprecio ha muito pela sua cultura e pela sua intelligencia, recebi um folheto intitulado *Projecto de lei do divorcio em Portugal.*

Esta questão do divorcio é uma questão muito grave e os antigos leitores do *Povo de Aveiro* sabem geralmente o que eu penso a tal respeito.

Em principio, não sou adversario do divorcio. Simplesmente, não acredito n'elle como elixir de salvação. E não o admitto como incitamento. Só o admitto como repressão.

O sr. Luiz de Mesquita e outros entendem que uma vez proclamado e executado o divorcio, entra na familia a paz, a moralidade e o amor. Ora eu receio que elle seja em Portugal, como tem sido em França, e mais ainda em Portugal do que em França, um novo e terrivel elemento de dissolução do lar. E quando outras razões não houvesse—que ha muitas— para eu o recear, bastar-me-hia attentar na gente que ahi anda a propaga-lo.

Quem são os adeptos do divorcio em Portugal? Eu vejo entre elles, não ha duvida, alguns homens d'intelligencia e de coração. Mas, juntamente, que turbamulta de vadias e devassos! E que patetas! Ridiculos imitadores, cabotinos sem talento, parlapatões pretenciosos, com a ancia de dar na vista, incapazes da menor reflexão ou da mais leve ponderação, sempre promptos a defender, sem olharem a differença de meios, d'educação, de temperamentos, de circumstancias, de caracter, o que lá fóra se apregoa como conquista de *libardade!*

Não ha duvida, ha homens de coração e de intelligencia entre os partidarios do divorcio em Portugal. Seria injustiça nega-lo. Homens que o defendem na melhor das intenções. Mas a grande, a enorme maioria, só o defende por grosseira e abjecta materialidade, por interesse vil, por egoismo deploravel. E é isto o que ha de sempre predominar.

O divorcio era admissivel, era mesmo justo, era mesmo necessario, se tivesse somente em vista a libertação do *conjuge* prejudicado. Se pozesse a questão dos filhos, a verdadeira questão humana e a verdadeira questão social, acima da questão dos paes. Mas o divorcio, tal qual o pretendem os seus propagandistas e os seus advogados, faz precisamente o contrario. E' uma recompensa ao vicio. Um incitamento, portanto. E interessando-se muito pouco pela sorte dos filhos interessa-se muito pela sorte dos paes.

De facto, o que succede ao conjuge que pratica o adulterio? Commetteu um crime. Manifestamente um crime. Um crime á face da moral natural, e não só á face da moral convencional. E' um abuso de confiança. E' uma violação da fé jurada. E' uma traição. Que castigo teve por esse crime? Ficou inhibido, ao menos, de tornar a gosar as regalias do lar? De se casar? Não. Nem sequer de se casar com o cumplice! De forma que o divorcio é um incitamento. E' uma recompensa e nada mais. O marido é um inconstante? E' um cadelão nojento? Quer variar de femea? Prompto. Provoca a mulher com o adulterio. Esta requer o divorcio. Elle casa-se com a amante e fica tudo acabado.

A mulher é uma prostituta? Se não desceu tanto na escala do vicio, commetteu ao menos o delicto de se entregar a outro homem? Prompto. O marido requer o divorcio e ella conseguiu o que queria: vae casar com o outro homem. Quem ficou aqui castigado? O homem? A mulher? Não. Foram os filhos, que ficaram sem mãe e que ficaram sem pae. Naturalmente, o pae e a mãe tornam a casar. Não tem outro fim o divorcio. Não o reclamam para outro fim os seus partidarios. O que elles dizem a toda a hora, o seu argumento capital, é que homem e mulher separados ficam sem as regalias do lar. Porque, e para que, preferem elles o divorcio á separação judicial? Para homem e mulher se poderem de novo casar. Para mais nada. Portanto, casa-se o pae. Casa-se a mãe. E os desgraçados dos filhos ficam . . . com padrasto e madrasta. Olhem que é admiravel!

A' prostituta, á viciosa, á mulher e ao homem deshonestos, ao conjuge que praticou um abuso de confiança, uma traição, que faltou á fé jurada, não se retiram os gosos do lar. Ora essa! Tem todo o direito aos gosos do lar. Mas retiram-se aos filhos!

A mulher viciosa, o homem vicioso, não é castigado. E' recompensado! Não ha repressão do vicio. Ha incitamento ao vicio! Mas como a natureza, a providencia, o destino, ou o diabo, nunca deixaram de fazer pagar o crime ou o vicio de qualquer forma, o crime, ahi, o vicio, ahi, seguindo essa lei da natureza ou do destino, tambem se paga. Simplesmente, não é o pae vicioso, a mãe viciosa, o pae criminoso, a mãe criminosa, que o paga. E' o filho innocente! A fabula do cordeiro e do lobo . . . em nome da *libardade!*

O que se diz relativamente ao adulterio diz-se relativamente a todas as outras causas do divorcio.

E' rara a mulher que casa novamente que não soffre a influencia do marido. Raro é o homem que tem força para se oppor aos desmandos e ás cruezas da madrasta. Com a separação de pessoas e bens só uma minoria de conjuges, e uma infima minoria, mette a mancebia no lar. A sociedade repudia a mancebia em taes condições, e isso basta. E' uma força de coerção extraordinaria. Os filhos, ou fiquem com a mãe, ou fiquem com o pae, geralmente não teem que supportar uma influencia extranha na sua propria casa. Ainda que exista, portas a dentro, uma amante ou um amante, caso raro, ou, por outra, menos vulgar, falta-lhe, ao amante ou á amante, uma grande força, a força da legalidade. Mas com o divorcio, não. A intervenção de um extranho, em regra, é fatal. O pae casa-se. A mãe casa-se. E os filhos teem sempre padrasto ou madrasta. O que equivale a dizer que são extranhos em sua propria casa!

Padrasto ou madrasta? Padrasto e madrasta. Soffrem a acção d'um, mais directa e immediata. Do padrasto, se ficaram a viver com a mãe. Da madrasta, se ficaram a viver com o pae. Mas não deixaram, por isso, de ter, para todos os effeitos, padrasto e madrasta.

E eis a que nos levam as leis . . . da *libardade.* As outras são *reaccionarias.* Detestaveis, porque são reaccionarias. Mas eis ahi as vantagens . . . das leis da *libardade!*

Nas leis reaccionarias pode soffrer um dos conjuges innocente. Não ha duvida. Mas, ao menos, ha castigo para o conjuge criminoso. Pouco ou muito, ha. Mas, ao menos, não ha incitamento ao vicio, ao desregramento, á violencia, a todas as causas conhecidas de separação judicial. Mas, ao menos, os filhos conservam *um* dos paes. No divorcio, a lei da *libardade*, não ha castigo, ha *premio*, para o conjuge criminoso. Não ha repressão, ha incitamento ao vicio. E se não paga o conjuge innocente, pagam os filhos innocentes. Para dar as *delicias do lar* e liberdade a um cadelão ou a uma coirata, pois que o adulterio é a causa mais geral da dissolução do lar, tiram-se as delicias do lar, e opprimem-se, as creancinhas indefesas. São as conquistas . . . da *libardade!*

Agora, com anarchismos e coisas varias, o ladrão já não é ladrão, a prostituta já não é prostituta, e o assassino já não é assassino. A prostituta é partidaria do "amor livre„. *Le Grand Amour!* O ladrão é partidario . . . dos *bens livres.* E o assassino é . . . um desgraçado.

Agora quem geme é a mulher honesta. Agora a creatura odiosa é o roubado. Agora quem paga . . . é o assassinado.

O romance, o drama, o jornal, a tribuna, já não glorificam, já não exaltam senão . . . a revoltada. A mulher casa-se e persiste fiel ao seu marido? Vendeu-se! A prostituta é ella! O casamento é uma prostituição! A mulher casada prostituiu-se! Prostitue-se, a miseravel!

A dignificação da femea está no amor, no *Grand Amour!* Ha uma grande maluca na *extranja* —, elles por lá dizem que ella tem talento e que é uma *mulher de caracter* —chamada Ellen Key, para quem está no *Grand Amour* toda a salvação da humanidade. Vejo no ultimo numero de *La Revue* que o sr. de Mestral-Combremont escreveu agora um romance intitulado *Le Miroir aux Alouettes.* O heroe d'esse romance é um senhor Daniel Delombre que casa com uma figurona chamada Bertha. A paginas tantas reconhece que *casou mal*, que não era aquella a mulher que lhe convinha, e apaixona-se por outra, uma tal Eva. Quer fugir com a Eva. Vae para fugir com a Eva. Mas Bertha está prestes a ter um filho. E Daniel hesita. *Voilá le droit de l'enfant!* Daniel deve sacrificar o filho ao *seu amor?* Sim, responde sem hesitar Staka, que é a tal madame Ellen Key, que o romancista faz figurar no romance com aquelle nome. *Il n'y a pas à hésiter. Vous devez quilter Berthe et vous unir à Eva. Il n'y a pas d'obligation morale plus stricte que celle-ci.*

N'um circulo de damas *philantropicas* fala-se d'um operario, que abandonou mulher e cinco filhos, que *nunca mais viu*, para fugir com *uma gaja.* Eva commenta: "*Il aura trouvé le Grand Amour!*„

A dignificação da femea está no . . . *Grand Amour!*

Pertenceu a mil creaturas differentes? Mas pertenceu a todas por amôr? Dignificou-se! Foi de mão em mão, hoje d'este, ámanhã d'aquelle? E' a mulher ideal, a mulher perfeita, a mulher . . . do *Grand Amour!*

As cadellas amaram sempre assim. E as gallinhas. Mas então? A humanidade caminhou. E quando chegou ao fim descobriu, attonita, que quem amava a sério eram as gallinhas e as cadellas!

Já tem sido caminhar. Hein? Olhem que já tem sido caminhar!

As cadellas tambem não são de qualquer. Voltam dente aos cães de que não gostam que é uma consolação. Deixem escolher as gallinhas e verão como ellas tambem teem o seu gallo predilecto. Tambem ellas, tambem ellas, conhecem e apreciam . . . *le Grand Amour!*

Ha só uma differença, a favor das gallinhas e cadellas. E' que não ha *grantámur* nenhum que as faça abandonar os filhos antes d'estarem creados. Não ha cão nem gallo que as arraste a abandonarem os filhos antes d'elles estarem creados. E as mulheres da *libardade e do progresso*, as mulheres da *redempção humana, do ideal*, é isto: em lhes dando a mosca *grantámur* mandam logo os filhos para casa do diabo!

Ah, como nós temos caminhado!

C.

Deram raia

O *Portugal* discute o que dissemos aqui, sob este titulo, no numero passado. Ou antes, justifica o seu procedimento.

Não achamos fundadas as razões do collega. A tal especulação republicana é ridicula. Profundamente ridicula. Bem sabemos que a empregaram e a empregam os republicanos. Mas ainda bem! Isso só lhes faz mal a elles. A mais ninguem.

Raramente lemos a *Palavra.* Só um ou outro numero que algum curioso nos manda. Mas lemos por acaso um em que vinha a tal respeito um artigo do sr. Conde de Samodães. E em que o sr. Conde de Samodães dizia, se não nos falha a memoria, que, d'aqui a pouco, até . . . Adão e Eva foram republicanos!

Tinha graça. Troçava-os bem.

Pois a pretenção ridicula, comica, de que Alexandre Herculano foi ou seria, se vivesse, republicano, é lá motivo, podia lá ser motivo para que alguem se abstivesse d'uma homenagem justa, d'alta justiça, a um grande portuguez?

De forma alguma. Ou então . . . os republicanos teriam achado alguem mais ridiculo ou mais comico do que elles.

Desculpe o collega. Mas não lhe achamos razão, nem por esse lado, nem pelo lado moral.

Alexandre Herculano não terá sido um catholico orthodoxo. Mas se foi um grande caracter, se foi um grande cidadão, se foi um patriota, um justo, pelos seus extraordinarios dotes intellectuaes e moraes uma gloria da nossa raça, que religião é essa que em face de coisas tamanhas não tem grandeza para predoar insignificancias?

Pois então a base da religião não é a justiça, a verdade, a bondade? Acima d'isso tudo a religião põe formulas?

Queira perdoar. Foi raia. Raia de caracter politico. E raia de caracter moral.

Não queremos mal nenhum ao collega pela sua opinião. Mas a nossa, cada vez mais arreigada, é esta.

Carta da California

San Leandro. *18—3—910.*

. . . *Sr. Homem Christo.*

Remetto 3 dollars para pagamento da assignatura do *Povo de Aveiro* por um anno. Assigno-o porque pela *Palavra* vi ser um patriota distincto e intemerato, do que tanto precisa Portugal, para derruir o fetichismo das falsas deidades politicas dos partidos.

Assigno-o para coadjuvar o patriotismo do *Povo d'Aveiro*, porque os patriotas, tenham que politica tiverem, devem auxiliar todas as obras de patriotismo, venham de quem vierem.

Sem lisonja, considero a V. como um homem honesto e felicito-o por merecer a honra perante os deshonestos de ser classificado de *desqualificado.* V. é effectivamente *desqualificado* dos titulos de que se ufanam a velhacaria, a hypocrisia e a indignidade. Desqualificam-no d'estes titulos, porque os pretendem só para si proprios. Monopolisam-os. V. terá pois que contentar-se com este: — ser honesto e moralisador perante os honestos e reaccionarios.

V. tambem é reaccionario contra a anarchia, o crime, a indisciplina e demais vicios dos partidos. Elles reaccionarios contra as virtudes de V. — porque as não tem; contra toda a ordem, porque são a desordem. Parabens pois ao reaccionarismo de V.

Parabens ao reaccionarismo do meretissimo juiz de Instrucção criminal. E' a reacção reciproca do bem contra o mal. Esta reacção é da natureza, das consciencias. A primeira reacção entre Deus e Lucifer foi assim . . . Até Deus foi desqualificado por Lucifer . . . Assim é V. — o desqualificado pela canalha e vadiagem. Eu teria pelo maior insulto e aggressão á minha honra os elogios da canalha . . . Que ideia fariam de mim os honestos?

Medido e comparado pela canalha! Ennobrecido pelos seus titulos e titulares, atulados em lama! Deus nos livre. Seria a forca da honra pessoal.

V. tem pois na California não só um padre portuguez que o louva na sua altissima missão de escachar a canalha, mas até muitos ou todos. Por mim fallo eu e pode V. dispôr d'isto para mostrar a essa bandalheira nacional — que tem reaccionarios e desqualificados a seu lado.

Deus me livre de ser louvado por quem louva, defendendo e protegendo Leandros... Comparar-me com Leandros e C.a! Que insulto seria!

Dizem elles que se não batem em duello com V. porque V. é desqualificado da honra! Que absurdo!

A honra, tal qual a philosophia a ensina, é ter convicções firmes e obrar com ellas, sendo-se em tudo sincero e leal. E' a harmonia da vida com o raciocinio pessoal e a harmonia do raciocinio pessoal com os principios da justiça. Logo claudicando a justiça, está morta a honra; claudicando a harmonia da palavra e acção, está novamente morta. E como se podem bater com V. n'este campo, a tropa fandanga d'essa pretensa honrada gente, que a si mesma se classifica honrada para, á sombra d'essa honra, praticar todas as patifarias?

Não são, pois, elles que se rebaixam em vir a duello com V. V.. no meu humilde entender, é que se aviltaria, batendo-se com elles; era eleva-los. A honra d'elles é um mero preconceito que não resiste a uma ponta de critica. Chicote e desprezo, é só o que merecem. Chicote por castigo; desprezo, por dignidade.

E desculpe-me V. estas divagações. Isto quer só dizer a V.: Apoiado, apoiado, apoiado e avante.

Disponha d'este

Seu cr.o e obg.o
Padre José Fernandes da Silva.

Temos cartas da Africa, da Asia, de todos os pontos do globo onde existem portuguezes, no mesmo sentido.

De Lubango diz-nos o sr. Padre José Antonio Moreira de Sousa, em carta recebida esta semana: "Comsigo e com homens de bem tambem eu serei republicano. O mal não está no clero nacional, no geral accorrentado aos politicos, e tendo sempre na alma mais o amor da patria e praticando mais a democracia do que todos esses cantadores que só teem lindas palavras para enganar o Povo.„

Ainda bem que fizemos vibrar a alma nacional. E acordar energias, tantas energias adormecidas!

Foi uma felicidade.

Uma scena familiar

Escrevem-nos de Lisboa:

«Um d'estes dias, debruçado sobre uma das janellas do *Pension-Hotel,* gosava eu este bello e fugitivo sol primaveril, quando vejo sahir de casa a Emilia, ella mora defronte do *Pension-Hotel*, o França Borges e o filho do França Borges.

O petiz ao chegar á rua, teve a intuição de que a Emilia ali não lhe chegaria a roupa ao pello, e desatou a correr alegre e contente como um passaro fugido da gaiola e da tareia. A Emilia, provavelmente para representar de extremosa, deitou tambem a correr como uma doidinha atraz do pequeno.

O França Borges, que se quer dar ares de pessoa séria, conselheiral e gravemente, como se aquillo fosse um grande desacato á sua pessoa, disse á Emilia, em ar reprehensivo e doce:

— O' menina, toma outros propositos e deixa-te de correrias . . .

Oh! diabo que tal disseste! Aqui foi Troya.

— Não gostas?!!! Pois se não gostas vae-te embora que eu não preciso de ti para nada. Ouviste? Para nada.

Tive dó do pobre *Margarido*, francamente, ao ver o aspecto corrido e encavacado com que elle ficou ante a intimativa da Emilia que é mulher de faca e calhau.

E ao vel-o com aquella caraça de enterro ainda mais carregada, disse comigo:

Ahi está um moralista encravado!

Garante-se a authenticidade do caso.»

Fundo de propaganda

Commissão que recebe os fundos: (1)

Major Antonio Augusto Beja
Padre José Marques de Castilho,
professor e director da Escola d'Ensino Normal
Francisco Augusto da Silva Rocha,
professor e director da Escola Industrial.

Transporte do ultimo numero . . .	229$500
Antonio P. de Teves (Ponta Delgada) .	2$000
Lourenço Domingos Ribeiro (Lisboa) .	1$000
Um patriota niquento (Aveiro) . . .	1$000
Um adversario da hypocrisia (Lisboa) (2)	2$400
Guilherme Augusto Diniz (Lisboa) . .	3$000
C. Barros (Lisboa)	1$500
Francisco de Magalhães (Porto) . . .	500
M. B. (Porto)	500
Manuel da Silva Costa (Porto)	500
Domingos da Silva Costa (Porto) . . .	500
Antonio da Silva Costa (Porto)	500
Salvador Rodrigues (Porto)	500
Jayme Augusto Soares (Porto)	500
José Pereira Nunes (Porto)	100
João Antonio da Silva (Porto)	500
A. C. (Lisboa)	1$000
João Paes (Trevões)	1$000
Um anonymo (Vizella)	2$300
Dois thalassas d'Abrantes	5$000
Padre Manuel Lourenço Junior, prior da freguezia de Castanheira do Vouga. .	1$000
José Soares Vieira (Lisboa).	1$300
Padre Albino Alves da Cunha e Silva (em homenagem ao sr. Bispo de Beja e como protesto contra os calumniadores, ladrões e assassinos de El-Rei D. Carlos—Codeçoso—Celorico de Basto)	2$000
Desiderio Nossa de Souza (Lisboa) . .	500
Antonio Joaquim Fraústo (estudante de Coimbra)	500
Um amigo do seu paiz (Lisboa). . .	500
Bernardino Soares d'Almeida (Torres Vedras)	500
Um grupo de Thalassas de Torres Vedras e admiradores do grande jornalista (3) Homem Christo . . .	6$500
Manuel Antonio d'Abreu (Lisboa) . .	500
Somma	266$900

(1) Ou administração do "Povo de Aveiro„ que os entrega á commissão.
(2) Annuaes.
(3) Inscripto assim por exigencia dos subscriptores.

Ainda a questão do pão

. . . Sr. Director do *Povo d'Aveiro.*

Franquea V. as columnas do seu jornal a toda a gente que tem alguma cousa a dizer na convicção da defesa de uma ideia de interesse geral.

E' digna da maior sympathia a attitude de V., mas... mas se V. não modera as tendencias de escriptor que cada portuguez sente em si, e não joeira as communicações que recebe, por certo a copiosa paginação do *Times* não seria sufficiente para as conter.

Ora eu quero dizer-lhe uma cousa que talvez a V. passe despercebida, e que constitue entretanto um facto absolutamente authentico: E' que o *Povo d'Aveiro* vale pelo que V. escreve e que os seus correspondentes aborrecem aos seus leitores e mormente quando descarrilam do saber e do criterio.

Por certo a todos é licito dizer de sua justiça, e V. procede muito nobremente concedendo a todos a permissão de que assim façam, mas *est de modus in rebus* e tudo tem limites, mesmo a asneira.

Os seus assiduos leitores, sempre muito interessados em o que V. escreve, viram no ultimo numero do seu jornal um lavrador pratico e rotineiro do Alemtejo a affirmar uns principios desanimadores com relação á cultura cerealifera n'aquella provincia, e até em perfeita contradicção com o desenvolvimento e o successo que ali se tem notado a partir de alguns annos para cá na referida cultura.

Na opinião d'esse pratico, as charnecas alemtejanas sómente podem permittir uma miseravel cultura de trigo sobre a incineração dos adustos estevaes, que seguidamente é necessario deixar desenvolver durante largos annos até poderem dar nova quantidade de cinzas que permitta nova cultura. De resto, diz o homem, o unico trigo ali susceptivel de cultura é o inacceitavel trigo rijo, e jamais o Alemtejo produzirá outro.

N'estas condições, o pratico opina cathedraticamente que aos *cittadinos* protestantes pela má qualidade e pelos elevados preços dos trigos nacionaes, seja a seu contento servido o trigo exotico, que lhes dá o pão branco, mas pelo que respeita aos provincianos que se contentem com os trigos rijos que não panificam ou com as massas para que elles sómente servem e se accomodem como poderem com os interesses d'elle pratico.

Por outro lado, aquelles que leem terão visto uma publicação de um technico a quem a situação official empresta competencia, onde se affirma, em face de meticulosas experiencias a que o mesmo technico procedeu em uma horta que tem á sua disposição em Evora, que o referido districto produz actualmente em media 7,65 hectolitros de trigo por hectare, mas que pode chegar *ao triplo* da producção e que sendo actualmente a producção do districto 69.084:090 litros no valor de 3.454:204$500 réis esse rendimento pode attingir 10.362:613:500 réis.

— Ao menos pela arithmetica não ha que dizer!

Então é bico ou é cabeça? Em que ficamos? Quem diz a verdade, é o pratico rotineiro ou o sabio hortelão?

Todo o agricultor sensato e sabedor do seu mister reconhecerá que estes dois publicistas desnorteiam a opinião publica sem que algum d'elles tenha realmente a consciencia do que diz.

Um, desconhecedor dos meios que poderia empregar para valorisar notavelmente a sua exploração agricola, afferra-se á rotina dos seus abegões, sente-se mal com o Mercado Central de Productos Agricolas que critica desprezando todavia ponderosas rasões que teria para o fazer e espraia-se em invectivas ao publico que está no plenissimo direito de reclamar por ser explorado pela lavoura.

Outro affere pela cultura hortense o que deve passar-se na charneca, que conheçe de vista, e embrenha-se em operações arithmeticas para provar o seu dito e . . . *épater les populations.*

V., sr. redactor, aprecia os factos com muita precisão, constata o que é inegavel: — que Portugal é o paiz onde mais caro é o pão e, não tendo obrigação alguma de conhecer praticamente do assumpto, está mais propenso a atribuir a responsabilidade do mal á lavoura do que á industria que recebe os trigos da lavoura e os farina e panifica.

Evidentemente V. critica justamente o phenomeno a que é indispensavel dar remedio, mas se licença me concedesse para uma affirmação eu diria que na apreciação das causas, nem o pratico rotineiro nem o theorico phantasista nem V. tem rasão, e se a sua magnanimidade fosse ainda mais longe, tambem diria de minha justiça, como lavrador que sou de charnecas e experimentado.

Pois o que nós queremos é apprender. Estamos em erro? Não conhecemos bem qualquer ponto da questão? Fique certo de que nos faz favor em nos ensinar.

Nós só temos a vaidade da nossa sinceridade e da nossa honestidade. Mais nada. Falem-nos lealmenle, que lealmente respondemos e lealmente discutiremos. Diga da sua justiça, diga.

Cá ficamos á espera.

CARTAS LISBOETAS

6 de abril.

Um dos peores males de que enferma o republicanismo portuguez — e não são poucos os que o corroem—é, sem duvida alguma, a incorrigivel, perniciosa mania do personalismo.

Quem quizesse estudar, um por um, todos esses homens que andam ahi assim apregoados aos quatro ventos como modelos de virtudes civicas, como glorias da raça lusitana teria de gastar muito tempo, e não é no espaço que nos é concedido para estas cartas de impressionismo, que tal tarefa poderia levar-se a cabo.

Assim, temo-nos referido ligeiramente aos réclames da imprensa que teem elevado creaturas que n'outro paiz não passariam de uma modesta obscuridade, e hoje seja-nos permittido particularisar um pouco sobre este assumpto que é importante no ponto de vista da educação democratica.

Todos os dias a imprensa referindo-se, por exemplo, ao sr. Bernardino Machado, a quem teem sido dados todos os adjectivos do diccionario, lhe chama, de par com eminente democrata, grande professor.

Claro, não vale a pena accentuar que não ha democratas eminentes n'um paiz onde não existe uma democracia organisada, pois que se ahi apparecesse um homem de envergadura superior, esse homem, vencendo todas as difficuldades, grande de mais para escutar as intrigas, inaccessivel á lisonja, saberia arredar todos os empecilhos, esmagar todas as calumnias, inutlisar todas as más-vontades e conseguiria, n'um esforço de alto e nobre patriotismo, criar uma verdadeira e san democracia.

Esse homem não existe em Portugal e os que julgam vê-lo na actividade discursadora do sr. Bernardino Machado enganam-se redondamente, mostram bem que não conhecem o que são os grandes politicos por essa Europa fóra e n'essa grande America e o que valem os homens que n'este rincão do Occidente iberico se arrogam representar o modernismo em todas as suas modalidades.

Se alguem interrogar esses inconsiderados rabiscadores que teem apregoado o sr. Bernardino Machado eminente democrata, pedindo-lhes, embora com o direito, que a todos assiste, de lhes exigir, as razões do seu dicto, elles não terão uma palavra de resposta, elles não poderão de modo algum justificar os seus continuados réclames, que de tão repetidos cahiram no ridiculo, pela imbecilidade e pela impertinencia.

E o que se dá com a eminencia do democrata dá-se, ainda no caso do sr. Bernardino, com a grandeza do professor, que, por signal, já não é professor.

Como se avalia da capacidade de um professor? Evidentemente que pelos seus trabalhos como professor. Pelos seus livros, pelas suas prelecções, pelos trabalhos praticos das suas aulas . . . não é assim? E, ainda, pelos resultados obtidos pelos alumnos d'esse professor, pela efficacia do ensino, não é verdade?

O que fez, na Universidade, o sr. Bernardino Machado como professor? Qual a sua obra que fica? De que maneira deu esse homem jus a que o considerem as gerações que chegam eomo um grande professor? O que lhes ensinou elle? De que forma contribuiu elle para a educação scientifica da mocidade do seu paiz?

Na Universidade, na faculdade de philosophia a que o sr. Bernardino Machado pertencia, ha trez homens, pelo menos, que estão acima, muito acima, que nas suas especialidades não podem mesmo comparar-se com o sr. Bernardino Machado — Santos Viegas, professor de phisica, Gonçalves Guimarães, de geologia e Julio Henriques, de botanica. Pois bem. De qual d'esses homens se falla ahi como professor? E, todavia, elles são conhecidos no estrangeiro como professores, os seus trabalhos teem sido apreciados com justiça, e ainda não ha muito, na Suecia, Julio Henriques teve occasião de ver como o seu nome era estimado entre homens que, sem duvida, estão um pouco acima, mental e, moralmente, dos gazeteiros descuidosos que em Portugal apregoam o sr. Bernardino Machado grande professor . . .

Depois, é preciso não esquecer que o sr. Bernardino Machado, professor, abandonou a sua cathedra precisamente no momento em que o seu dever era ficar.

Foi por occasião da gréve academica, que é, tambem, uma das paginas edificantes da sinceridade republicana, que o sr. Bernardino Machado annunciou que, se fossem expulsos estudantes, sahiria elle da Universidade, talvez imaginando que, em face da sua declaração, o conselho dos decanos recuaria, e como o conselho mandou riscar uns estudantes o sr. Bernardino deu a sua demissão de lente de antropologia.

Na impressão de momento toda a gente achou nobilissimo o acto d'este homem, mas, reflectindo um pouco, fóra já da influencia da occasião, ninguem de bom senso, deixará de reconhecer que o seu dever era ficar.

Sim, era precisamente esse o seu dever. Era reaccionaria a Universidade? Bernardino Machado, espirito moderno, professor consciente da sua missão, pedagogista esclarecido pelas melhores leituras, espirito aberto aos mais generosos ideaes, não deveria abandonar a Universidade.

Aquella era a sua tribuna, a cathedra; d'alli não o poderia tirar a força do despotismo e, tarde ou cedo, as suas ideias fructificariam. Elle seria, n'aquella *bastilha do pensamento*, a sentinella vigilante da liberdade, o propugnador dos modernos ideaes do ensino, e a mocidade portugueza poderia, então, ver n'elle um cooperador generoso que, de alguma maneira, contribuiria para a sua emancipação, talvez um orien-

tador, sempre um amigo que se imporia á gratidão unanime de gerações successivas.

Mas, professor, Bernardino Machado, era tambem um politico e, politico, enfermando dos vicios de todos os maus politicos, preferiu a politica ao ensino, abandonou a cathedra, que poderia ser uma tribuna, que é, sempre, uma tribuna quando n'ella se senta um homem de alta envergadura mental e moral, por ess'outra tribuna popular, de comicios e conferencias, que é, em regra, entre nós um misero balcão onde não se ensina nada, embora se trate de tudo.

Cunha e Costa, fallando de Herculano na sessão camararia de 28 de março, chamou deserção ao retrahimento do historiador em Valle de Lobos. Theophilo Braga, escrevendo de Herculano, nas *Modernas Ideias*, attribue essa *deserção* á falta de uma vocação litteraria absoluta.

Ninguem, entre os criticos do republicanismo portuguez, se lembrou de chamar deserção á sahida do sr. Bernardino Machado da Universidade e de attribuir essa deserção á falta de vocação pedagogica absoluta, e, todavia, o que é mera hypothese, falsa, no caso de Alexandre Herculano resulta uma verdade incontestavel no caso de Bernardino Machado.

* * *

O que se dá com Bernardino Machado dá-se com todos os outros, pouco mais ou menos.

Pois os senhores não ouvem ahi assim chamar grande parlamentar esse Affonso Costa a creaturas que não sabem nem o que é o parlamento portuguez nem o que deve ser um parlamento? Que julgam que ser grande parlamentar é conhecer o regimento da camara, estar batido nos *trucs* dos requerimentos a tempo, propostas de generalisações do debate, urgencias, etc. ?

Quando se lhe chama grande parlamentar ninguem trata de inquirir da sua obra como parlamentar, como quando alguem se refere ao seu papel como professor ou á sua habilidade como jurisconsulto a ninguem accudiu ainda pedir a documentação d'essa competencia pedagogica ou d'essa notabilidade juridica.

Os seus livros como professor, as suas licções não se distinguem grandemente de outras licções que por Coimbra se ensinam aos rapazes, dos outros livros de direito que constituem o patrimonio espiritual scientifico das gerações que se educam para a vida juridica.

E' preciso não esquecer ainda que o seu papel como professor tem sido apagado.

Quando foi da greve, a academia, bem ou mal, como soube, como poude, trouxe a S. Bento uma serie de reclamações que eram como um esboço de reformas que considerava indispensaveis para a educação das gerações universitarias, para o bom nome, para o prestigio mesmo da Universidade. O governo de João Franco não deu ouvidos a essa representação, que era redigida em termos da mais subida consideração pelo parlamento.

Affonso Costa era deputado. Dizem-nos que chegou a pedir a palavra e que patrocinava a causa dos rapazes—não sabemos. Mas João Franco cahiu e elle continuou a ser deputado, e voltou á Universidade.

Pergunta-se: fallou Affonso Costa em congregação n'essas reclamações da academia, Affonso Costa que a academia acabava de receber festivamente no seu regresso á cathedra? Professôr, estudou elle essas reclamações? Deputado, já em pleno amaralismo, lembrou elle alguma vêz na camara a questão universitaria?

E' isto que é preciso saber-se quando se chama ahi grande jurisconsulto e notavel professôra esse homem; isto, sim, sem reticencias, sem *ambages*, claramente, para que se possa avaliar bem o que representam esses reclames continuados do seu compadrio jornalistico. Para que se não deixem illudir os novos que amanhecem para a vida mental n'este paiz de mentiras, de hipocrisias revoltantes, de desolante ridiculo.

Não é uma campanha de má-lingua, como pode pensar-se, uma lucta de bóta-abaixo. E' a expressão de liberdade critica na sua accepção mais larga, na sua comprehensão mais justa.

Não consentir, sem protesto, que se apresentem como celebridades homens que lá fóra, num meio mental mais largo, submettidos a uma disciplina scientifica ainda que não muito rigorosa, não passariam de anonymos, ou, quando muito, modestamente contribuiriam para o progresso scientifico geral.

E porquê? Porque, assim, combateremos a mentira, assim desmascararemos a hipocrisia e estaremos dentro da justiça e prestaremos um serviço á causa da democracia, á causa do ensino, á causa da educação nacional.

Ahi está um serviço que a penna de Brito Camacho poderia prestar, mas não prestará — descancem os homensinhos do réclame; que a palavra de João de Menezes ou de Antonio José d'Almeida tinha obrigação de prestar... Mas quê? Brito Camacho é um homem que se enfastia depressa, neurasthenisado, aborrecido de tudo, fraco, começando, não acabando, promettendo, não realisando, sabendo escrever, não querendo escrever. João de Menezes vae com elle. Antonio José d'Almeida, leva-o a corrente...

E que pena faz ver este homem impetuoso e ardente, com um tão bello passado de revolta, de uma clara intelligencia e de um coração generoso, transigir com essa democracia de reclames e de mentiras! Caminhar ao lado dos que atraiçoaram a sua ideia, dos que se riram dos principios, dos que venderam a consciencia e a penna, dos que tudo esqueceram para só de si cuidarem, que pena faz! Que funda mágua nos deixa!

Para onde hão-de, então, dirigir seus passos os novos que veem chegando, os que não querem ter por director espiritual Cunha e Costa rabiscando no *Mundo* e não reconhecem a infallibilidade de Bernardino Machado pontificando? Com quem hão-de contar os que apparecem? Quem os animará para a lucta, quem os orientará?

Referimo-nos a Agostinho Fortes na ultima carta, a proposito dos seus reparos ao discurso que na sessão da camara fizera o sr. Cunha e Costa e com satisfação registámos a sua attitude.

Agora dizem-nos, vemos mesmo no *Povo de Aveiro*, que Fortes continúa na sua propaganda, quer dizer que segue no caminho por onde enveredou, segue o bom caminho democratico, e, com satisfação ainda, aqui deixamos, n'estas cartas, expressa a nossa admiração pela sua tentativa.

Mas, apesar da nossa idade, estamos já affeito a desillusões, ainda as mais amargas—e, então, occorre-nos perguntar: Tem esse homem envergadura para levar a cabo a sua obra, que deve ser uma obra de democracia pura, simples, singella, clara, de democracia tolerante na sua intransigencia, altivamente digna, dignamente, rebelde?

Se tem, mãos á obra! Não é preciso ser um génio, o que é preciso é não ser um truão, e Agostinho Fortes não o é. E' preparar-se para decepções de toda a natureza, para ciladas de toda a especie, não temer as intrigas, fortalecer-se contra as calumnias, desprezar os intrigantes, esmagar os calumniadores. O que é preciso é arredar os empecilhos, inutilisar os inuteis, criar um espirito novo de democracia entre os portuguezes.

Não se vae desarmado para uma jornada de propaganda. Pode-se ir só; algumas vezes é, mesmo, melhor dispensar as companhias — mas o que é indispensavel é não se ir desarmado, e não vae nunca desarmado um homem que seja honesto, illustrado e intelligente.

Tem, pois, Agostinho Fortes uma larga travessia a realisar, uma obra de paciente propaganda a levar a cabo, e não será sem difficuldades de toda a natureza que essa obra de moralisação democratica e de justiça social ha-de chegar a seu termo.

Ah, sim, eu queria vê-lo correr os vendilhões do templo! Não poupar, não ter contemplações, nem tibiezas.

Queria vê-lo apostolisar sem odios, sim, mas com firmèza, com intelligencia, com essa forte tenacidade que os seus estudos lhe devem ter dado, que um salutar germanismo lhe deve ter insuflado no espirito, essa tenacidade tão rara n'estes pobres portuguêzes. E, assim, desprezando a gloria, altivo na desgraça, queria vê-lo, sim, romper por entre essa chusma de republicos falsificados, e ir dizer em voz clara e forte a verdade sem peias a este povo, óra apathico óra fanatisado, a este povo de impressões não de convicções, molle ou irriquieto, mas bom, no fundo, sentimental e generoso.

Queria vê-lo voltar-se para os novos repetindo aquelle grito do grande Zola: « Mocidade! Peço-te, pensa na grande obra que te espera! Sê generosa mas livre no teu espirito, segue ávante o teu caminho de reformas sociaes e não te detenhas em vans especulações politicas!»

E quando cahissem os idolos de pechisbéque, quando a moral partidaria deixasse de ser uma moral de trazêr por casa, cheia de remendos, suja de nodoas, para tornar-se uma moral socialmente digna de respeito, quando a propaganda dos jornaes se tornasse uma lucta legitima de principios, quando aos homens de feira só se consentisse exhibição na feira, então, Agostinho Fortes, o senhor teria realisado uma obra digna de attenção e o seu nome mereceria para sempre a gratidão das gerações que viessem.

No entanto, seja permittido a quem nunca o lisongeou nem lhe mentiu, o affirmar-lhe d'aqui que se o senhor ficar vencido nem por isso o seu esforço deixa de ser generoso e se vencer a sua victoria ha de ser estrondosa, no dia do ajuste de contas.

N'esse dia, então, o senhor e todos nós reconheceremos o valôr da contribuição da penna do polemista que dirige este *Povo de Aveiro* e essa justiça final, que não ha de ser obra dum partido mas veredictum d'uma sociedade, o compensará de todas as amarguras soffridas.

Abrir-se-ha a nossos olhos uma era nova e poderemos, com segurança, caminhar para a frente.

Belgavino.

—†—

P. S. — *Na ultima carta escaparam á revisão alguns erros que o leitor certamente corrigiu; mas um dos lapsos requer emenda publicada.*

E' na 2.ª columna da 3.ª pagina, linha 17.ª, onde se deve lêr: « assim como synonimo de maçador » *e não* « de mercadôr » *como sahiu.*

B.

Ratificando

Recebemos de Caminha a carta que se segue:

Tendo lido no seu jornal n.º 1:353 de 27 de março corrente que "meu filho Arnaldo Correia do Amaral, depois de ser administrador d'um pasquim republicano de Caminha, foi nomeado 2.º aspirante de fazenda e collocado no concelho de Benavente, mas continuando em Caminha a fazer propaganda republicana em vez de ir para Benavente„ — tenho a dizer a V. que a pessoa que assim o informou foi pouco escrupulosa e até inexacta, porquanto nem o jornal a que se refere foi ou é republicano, nem é verdade que meu filho aqui esteja a fazer propaganda republicana; está em minha companhia em uso de licença que lhe foi concedida e completamente estranho á politica.

Pena tenho de não saber o nome do informador porque para com este procederia como muito bem entendesse.

Subscrevo-me pedindo com rectificação a publicação d'esta carta.

Caminha, 29 de março de 1910.

De V. etc.

Camillo Correia do Amaral.

Devemos dizer ao sr. Camillo Correia do Amaral:

1.º — Que se o seu menino é homem para ser empregado publico, escrever nas gazetas e carregar com as malas do Alexandre Braga, tambem é homem para directamente se justificar ou defender. Portanto não podiamos nem deviamos publicar a carta do papá Camillo. O rapaz que escrevesse, se queria. Mas vá lá uma excepção, por esta vez.

E porque não escreveu o rapazote? Percebe-se! Porque *não queria* declarar que não era republicano. Deixou essa responsabilidade ao papá Camillo!

2.º —Que temos em nosso poder um exemplar d'um numero do tal pasquim reles de Caminha e que basta-nos isso para concluirmos que se o sr. Camillo em tudo fala tão verdade como quando diz que o pasquim *não foi nem é republicano*, o sr. Camillo não escreve do principio ao fim da sua carta uma palavra verdadeira.

O pasquim não é republicano, realmente. E' republiqueiro. Faz sua differença. Mas é d'isso que se trata. Se elle fosse republicano, era digno.

Tambem é certo que o pasquim *não se diz* republiqueiro. Mas isso é simplesmente para melhor poder explorar os patetas de Caminha. Quer comer a dois carrilhos. E' do evangelho da republica n'este paiz abençoado. E pelo mesmo motivo o filho do sr. Amaral ainda não foi ao tabellião fazer escriptura publica de republicanice. Poderia correr o perigo de ficar em simples amanuense, que não corria; entretanto, por causa das duvidas, e querendo subir até conselheiro director geral d'altas coisas da fazenda, limita-se a ser moço de fretes, sem chapa, do Alexandre Braga e do Bombardino. E assim espera ficar de bem com Deus e com o Diabo.

Mas a carta que se vae ler, **recebida no mesmo dia em que recebemos a do sr. Camillo,** acaba de pôr as coisas no seu verdadeiro terreno.

. . . Sr. director do "Povo de Aveiro„

Quando esta lhe chegar ás mãos deve, talvez, já V. ter recebido uma carta do pae do tal Arnaldo Correia do Amaral, aspirante de fazenda em Benavente, mas desde dezembro do anno passado entregue á ociosidade em Caminha, — carta em que pretenderá fazer passar por falsos os esclarecimentos que tive a honra de enviar a V.

N'essa missiva procurará o pae do rapazelho desfazer astuciosamente o que V. conhece como a expressão da verdade.

Mas, hoje, e ainda para mais comprovar o que dissemos e desmentir o que o pae do espião da malta tem por objecto, capciosamente, demonstrar a V., isto é, que o jornal, de que o filho foi administrador e depois redactor, não é republiqueiro,—envio-lhe mais o Jornal Caminhense *em que o seu director se honrou de transcrever do* Povo de Aveiro, — *as verdades: verdadeiras chicotadas que V. patrioticamente joga á cara dos patifes, dos malandros, dos pulhas, dos cynicos, da quadrilha, d'essa quadrilha ignobil e infame que é a nossa deshonra de portuguezes.*

Ora o que em face d'essa transcripção elles responderam sabe-o V.

Não será, essa infame resposta, o testemunho evidente de que o tal Noticias de Caminha *e respectiva prole commungam nas ideias da quadrilha republiqueira? —E'o, com certeza, visto que a "empreza„ é toda republiqueira como, brevemente, provaremos.*

O Povo de Aveiro *foi aqui lido por toda a gente e causou tão boa impressão a sua leitura que, em breve tempo, V., com certeza vae contar, n'esta localidade, maior numero de assignantes.*

O que dissemos na nossa primeira carta foi a—verdade.

Verdade conhecida. Verdade provada.

Ora diga-me V. como cognominar o aspirante de fazenda em Benavente, o tal Arnaldo Correia do Amaral, que se presta, quando Bernardino Machado vem passar a epocha balnear a Moledo, a ir esperal-o e dar-lhe vivas; quando chegou a esta villa o "tachado„ do Alexandre Braga a transportar-lhe a mala, desde a estação do caminho de ferro até ao hotel Luzo-Brazileiro e a fazer propaganda republiqueira?

Como se ha de chamar a esse menino que come á mesa do orçamento e serve a quadrilha ao mesmo tempo?

Classifique-o V.

Estou colligindo dados para V. ajuizar da estructura moral da malta que aqui representa o grupelho *Affonso Costa, Cunha e Costa, Camacho, etc.*

O grupo—canalha.

O grupo que se mede todo pela bitola do ladrão do Affonso Costa e dos demais da quadrilha.

Não os poupe V.

Desculpe-me e até breve.

De v. etc,

Um leitor convicto

Provincias

Lagos.

O *Immundo*, orgão do Margarido das Flores, de 17 do corrente, esse sujo pasquim que ainda tem a sorte de o consentirem em circulação, publicou umas noticias ácerca *d'um homem de bem*, Alvaro Faria, *não sei se socio do club Antonio José d'Almeida*, cujas noticias são tudo quanto ha de mais canalha e infame. Pelo menos, na parte que diz respeito ao procedimento do administrador do Concelho, d'aqui. Devo dizer, antecipadamente, que não tenho procuração d'este senhor para o defender, nem com elle tenho relações pessoaes ou politicas, mas a verdade acima de tudo.

Esse tal Faria, um bebedo, um relaxadão, esteve aqui uns tempos a trabalhar como pintor. Por vezes o administrador recebeu queixas por desacatos feitos pelo digno correligionario do Margarido e ainda, segundo me consta, por o mesmo cavalheiro tentar apossar-se do alheio. Note-se, porem, que as ultimas queixas foram feitas por um *distincto* correligionario, Monsieur Laroussa, politico em evidencia no seio republicano, a quem foram levantados vivas enthusiasticos n'uma celebre reunião, em que foram postas em evidencia as personalidades do Rato deformado e do Précuras como intellecto de primeira grandeza etc. Mas voltemos ao caso.

O Faria foi realmente preso a requisição, segundo consta, do Juizo de Instrucção Criminal, e, logo que entrou na cadeia, foram-lhe abonadas as competentes rações. O *Immundo* mente como um cão dizendo que o administrador do concelho accusou o Faria de ser anarchista, pertencer á maçonaria, fazer parte d'associação secretas e de ter tomado parte no movimento de 28 de Janeiro. Rôto e quasi nú já elle por aqui andava antes de seguir para Lisboa, porque é, como já disse, um verdadeiro relaxadão. bebedo, etc. Se o não fosse, não andaria em tal estado e logo que se portasse bem, era possivel que ganhasse sympathias, chegasse a ser estimado e assim governasse a vida muito rasoavelmente. Estou a fallar no Faria, simplesmente, para pôr em evidencia a canalha que o Margarido apoia, nada mais, e as infamias de que se serve para atacar este ou aquelle que não é da grei. O que admira é que sendo o tal Faria um desgraçado, martyr de perseguições, não encontrasse aqui um correligionario que lhe desse de comer e de vestir! Nem o Espanta Mortos se lembrou de lhe dar um *sobretudo velho*, ao homem! São todos assim, graças a Deus!

—No dia 18 do corrente esteve para responder o Roberto, *garoto inberbe*, mas foi adiada a audiencia por falta de testemunhas, previamente combinados com a defesa, está visto, pois os homens esperavam o *grande* advogado Alexandre Braga, que não veio, para defender *a creança*. Naturalmente embebedou-se e perdeu o comboio. Arranjaram um advogado á altura das circumstancias! Não dou noticia de, n'estes tempos mais proximos, aquelle devasso ter defendido alguem de bem. Só se agora o Roberto, *garoto inberbe*. Estou desejando este julgamenro, pois palpita-me que terei bem assumpto para essa occasião! Pede a Deus, meu Roberto, que o teu advogado se não embebede, como aconteceu na ultima vez que aqui esteve! Disseram-me que o *Cambão* e Espanta Mortos esperaram o homem ás Portas de Portugal no dia 18. Suppõe-se que o esperavam para o acompanharem ao Hotel das Messias e alli *matarem o bicho*. O Espanta Mortos, não, não bebe, façâmos-lhe justiça, apezar de praticar actos na sua vida politica que parecem mais de bebedo que outra coisa. Deu-se uma coincidencia muito engraçada no dia do julgamento, isto é, no dia que estava marcado para julgamento.

A ratazana da baixa mar adoeceu. Muita gente suppoz que foi para se esquivar a defender o Roberto, outro garoto egual a elle, visto na celebre carta aberta ao Padre João Henrique a ratazana ter dicto que as bofetadas haviam sido muito bem dadas. Tem paciencia, minha *ratazana* indecente, mas está-me a parecer que os conselhos que déste ao Padre para se safar has de tu proprio segui-los e já o terias feito se alguns correligionarios decentes, que ainda tens aqui, não te tivessem poupado a pelle e corrido a pontapés mas deixa estar que tu estás para mim como o Borracho está para o director d'este jornal. Tens um amigo para differentes invernos, e emquanto não te tornares *maluco* não te largo. O teu *retratinho* ainda não pode ir d'esta vez! Demora a confeccionar! Não perdes pela demora. Vou vêr se consigo photographar o *Espanta Mortos* de frak. Vi-o um dia d'estes, lindo!!!

Ao titio Jerolmo tambem o não largo, fica certo. A semana santa coaduna-se muito com o caracter do mestre Jerolmo! Se é preciso rir, ri; se é preciso chorar, chora! Se lhe dá para chorar, então não ha forças que possam estancar-lhe as lagrimas. Nem os lenços todos, do antigo estabelecimento da rua das lojas, lhe chegam. Refiro-me a este estabelecimento porque era o que tinha fazenda em *abundancia!*

— No dia 26 [sabbado d'aleluia] veio aqui fazer um comicio republicano—socialista um tal Sá Pereira, creio que caixeiro da Casa Africana. Não fui lá, mas pessôa da minha confiança, e competencia, informou-me que nunca tinha ouvido tanta baboseira, grammatical, principalmente. O auditorio era composto de garotos e alguns operarios artistas que [sem querer offender estes] não podiam digerir o que ouviam; e não podiam, porque, é claro, não têm conhecimentos para isso. Tambem estavam, segundo me disseram, algumas das *Macacas Suissas* que foram com as suas toilettes dar mais imponencia ao acto. Pena é que os *bichos de seda* do *Espanta Mortos* não possam produzir ainda porque o deslumbramento seria superior; mas é cedo ainda.

Presidiu á assembléa [segundo me informaram tambem] o Ratazana *putrefacta* secretariado pelo Cynico da Camara (digo Syndico) e por uma *macha*. Houve quem se admirasse de vêr o Rato deformado n'uma assembléa socialista, quando, ainda ha pouco, insultou alguns operarios carpinteiros e os ameaçou com bofetadas, como já tive occasião d'expôr na ultima correspondencia.

Eu de nada me admiro porque tudo váe como váe. Se houvesse um pouco de coherencia, pelo menos o Rato deformado não abria bico, ali, e até devia ser corrido a pontapés pelas escadas abaixo. Ainda elle é capaz de fazer uma conferencia socialista e apresentar por thema o procedimento que teve para com os artistas referidos e que tem tido com outros ... Hão de gostar de ouvir-lhe as asneiras e por fim carregam com elle em triumpho! O secretario cynico naturalmente foi explicar á assembléa como se bate nos trabalhadores que vão pedir os seus salarios etc. etc. Como sempre, não falta assumpto para correspondencias, mas esta já váe crescida e não quero roubar espaço ao jornal. Brevemente se tratará dos melhoramentos d'esta cidade já que da terra quem devia tratar só pensa na *independencia politica* [mas vae sempre mettendo-se n'ella] e não trata do que deve tratar. Muito *palavriado*, muito *bandoleirismo e menos obras*.

Tratar-se-ha da hygiene da cidade que está n'um cahos outra vez, e d'outros assumptos recentes! Moralidade, queremos moralidade, toque a quem tocar, e dôa a quem doer.

Por lapso, não disse, na altura competente, que o *grande tribuno e homem de letras* Sá Pereira, foi levado pelos correligionarios para o hotel do *Parló* que é o *mais importante* da cidade

Desculpe V. a massada por hoje. Fica o resto para outra vez se V. o permittir.

—†—

Thomar.

Delineámos no numero passado o nosso programma de correspondencia, que com o mais justificado motivo nos proporemos levar a cabo.

E' preciso tirar as peneiras a esses atrevidos e inconscientes patetolas, que ainda com o metro e retalho de chita na mão uns, e outros com os cartuchos de assucar e o martello de malhar ferro junto da forja, julgam estar fazendo uma bonita figura insultando uns e outros, parecendo-lhe que a causa republicana vae aqui de vento em pôpa. Está para breve o desengano, como já d'outra vez lhe sucedeu, em seguida áquelle celebre comicio de seis mil assistentes em que João Chagas disse ter ficado implantada a republica em Thomar, desde aquelle memoravel dia, para d'ahi a pouco insultar e votar ao despreso tão valorosos amigos, que na urna só conseguiram, n'um concelho de cinco mil eleitores, dar-lhe 166 votos. Já é importancia, srs. badamecos.

Hirsutae Castaneae. As castanhas estão ainda no ouriço. O que é certo é que os maioraes republicanos mandaram desde esse dia ao diabo taes correligionarios, convencidos de que com semelhantes companheiros se não faz carreira.

O partido republicano, expurgado d'essa ralé que o mina e suga, aqui e nos grandes centros, poderia por meio d'uma propaganda sensata e tenaz ir invadindo talvez o paiz com uma defesa de principios que em muitos cala e abala; mas seguido d'essa cafila torpe e faminta que julga defender a sua causa insultando tudo e todos, provocando tumultos nas assembleias eleitoraes, imaginando que por este processo afugenta os eleitores sensatos e pacatos, nunca avança um passo e andará sempre em oscillações, avançando um dia para logo recuar. Lave-se e limpe-se primeiro, desbravando caminho para depois poder seguir com mais alguma segurança. Bem sabemos que as grandes transformações politicas se teem feito em todos os tempos com o auxilio da canalha, que em seguida tem de conter-se por meios violentos, terminando por ser corrida a pontapés. Mas uma causa tão justa, segundo elles apregoam, como a republicana, não deveria precisar do auxilio até agora improficuo e até contraproducente de taes elementos de desordem. E desde que d'elles se servem, constituindo o grosso do seu exercito, é uma causa perdida, visto que na hora do triumpho, se um dia chegasse, seria immediatamente esmagado pelos seus auxiliares, a quem não poderiam conter por serem um producto de desordem e só n'ella poderem viver.

A orientação seguida aqui pelos propagandistas republico-caixeirelhos é de tal ordem que na quinta-feira santa, dia em que todas as familias da Christandade se apresentam com os seus fatos pretos, significando assim o luto pela morte do maior philosopho, o vulto mais eminente de todos os seculos, pelos seus serviços á humanidade, principalmente aos opprimidos pela tyrania dos poderosos, esse sublime redemptor prégando sempre a moral e a liberdade, a orientação seguida por elles é tal que na quinta feira santa publicaram o immundo *Rebate* em papel vermelho, significando assim a indifferença pelo facto mais celebre e memoravel de todos os tempos, em que o sublime martyr deu a vida pela liberdade e bem estar dos povos.

Coube esta honra ao jornaleco indecente que tem como redactores os estupidos e inconscientes, que no ultimo numero apontei, e cuja biographia iremos fazendo para que o publico aprecie a força moral que lhes assiste nas censuras que aos outros vão fazendo.

D'um d'elles, exactamente o que passa por ser o orientador do reles papelucho, aquelle que lhe imprime a linha de conducta baixa e tabernal, e que levado pela attracção irresistivel que para elle tem a côr vermelha veio á arena com o jornal enfeitado de encarnado no dia que para todos nós é de luto, respeito e acatamento, dizem-se, e são verdadeiras, coisas espantosas.

Corrido de Lisboa, despresado aqui, não sabe já onde abrigar-se e expandir o seu rancor que não pode ferir ninguem por que todos lhe conhecem a proveniencia.

Foi este redactor do *Grande Rebate* para Lisboa aos quinze annos de edade. Ahi esteve exercendo ao balcão as suas aptidões caixeiraes até que um dia o patrão, indo ao cofre dar balanço aos fundos, encontrou estes *augmentados* em mais de 500 mil reis, que o caixeiro preparava para qualquer aperto d'elle ou do pae. Chamou-o o patrão para saber como se havia operado aquelle milagre, por isso que o rapaz andava sempre a tinir sem vintem, sabendo então que o dinheiro tinha uma proveniencia egual á do *Margarido*, cujos exemplos este nosso heroe seguiu, e como bom discipulo supplantou o mestre! Tres contos de reis appareceram mais em scena para o commercio de bonecas.

A mesma proveniencia teve este dinheiro, dando todo este Brazil *marinheiraceo* logar a scenas que n'outras correspondencias apresentaremos ao publico, atonito e surpreso com tanta moralidade. O juiz de instrucção criminal resolveu muitas difficuldades com o carcere e depois com o nó gordio!

Os pombinhos aqui appareceram e oh! suprema ventura! o primeiro redactor do pasquim veio transformado n'um d'elles; mas cheio de fel, que se extravasa e manifesta em todo o seu ser. E' olha-lô, e ve-lo-heis com aquella côr esverdeada, riso sardonico e insultante para todos, conhecendo-se-lhe na alma o rancor concentrado contra tudo e todos, por se ver um reprobo da sociedade. Mas com taes meritos, não poderia deixar de ser, assim que aqui appareceu foi eleito chefe republicano local e nada de arrependimento por lhe terem concedido tão grande honra, senhores liberaes thomarenses, por que hão de ter visto como n'essas ridiculas palinodias, a que comicamente chamam comicios, esse Dantou tem accentuado os creditos oratorios, puchando sempre do mesmo papel, onde traz escriptas méras tolices, que nas espeluncras lisboetas lhe metteram no bestunto, e lendo, repete sempre que a desmoralisação é tanta que no tempo de D. Carlos se gastaram 500 contos nas cavallariças reaes e alguns numa casa de jantar. E com estas bombas termina os discursos.

Ora vejam que trabalho têem os pobres padeiros e para quê? Mas o que é um facto é que este orador e jornalista, como elle se denomina, tem tomado o papel a sério, esquecendo-se que plagiando o que a outros exaltados inconscientemente ouviu nas baiucas de onde foi empurrado para este meio, faz uma figura que os seus correligionarios não esperavam da sua *pose*. Ei-lo no emtanto aqui, e superior do republicano platonico, já collaborador do *Rebate*, o pisaflores Torres Pinheiro. Este infortunado republicano, por ora monarchico, já vae ouvindo as lamentações do nosso biographado na botica. Acautele a bolsa, não lhe emprestando vintem; mas por esse ficamos nós, attendendo á sua reconhecida generosidade. E dos outros iremos falando successivamente.

C.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano. **Lisboa**—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento, 102 a 104; Nuno J. C. Feijós, Rua Poaes S. Bento 141; F. Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Pantistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47. Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Tabacariade C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis. **Molta do Ribatejo**—João Baptista Mouro. **Vizeu**—Kiosque do Rocio. **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade. **Alvorninha**—Pharmacia Central. **Alpedrinha**—Manuel dos Santos Tarouca. **S. Domingos de Carmões**—Joaquim Marques de Carvalho Junior. **Seixal**—Prefiro Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Faro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Villa Nova de Barronca**—José Custodio Figueira. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira. **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amareleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Montemór o Novo**—Fortunato Reina o. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã**—José da Costa Neves. **Braga**—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24. Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres **Vianna do Castello**—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Povoa**—José Couto Segundo, **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Figueira da Foz**—João Palhas, Mercado n.º 8. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Manuel Gonçalves Anacleto. **Guarda**—José Antunes de Figueiredo. **Cadaval**—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Macieira de Cambra**—Domingos d'Albergaria **Alcochete**—Joaquim Valentim **Santarem**—Vende-se nas ruas **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Veliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino. **Serpa**—Celestino Alhinho. **Louzã**—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. Polonia Palhas, Rua Borges Carneiro 6. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino*. **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria. **Villa Nova d'Ourem**—Antonio José Pereira. **Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho. **Sattam**—José da Cunha Marques. **Escalhos de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**—(Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luis Filippe d'Abreu. **Bragança**—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar**—Joaquim da Costa Carvalho. **Alcmquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Benavente**—Manuel Dias Varandas. **Monte Estoril**—Gare. **Pavia**—José Couto Segundo. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—Antonio Pacheco de Teves, Rua do Frias, 20.

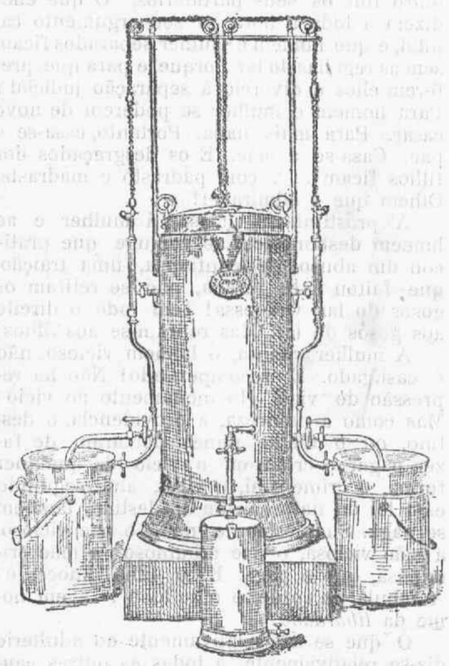
BRAZIL

Rio de Janeiro—Centro de Publicações de Gianlorenzo Schettino, Travessa do Ouvidor.
Manaus—Agencia Freitas.
Belem do Pará—Centro de Publicações.

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene. Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA